



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Clínica – PCL

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPG PSICC

**IDENTIFICAÇÃO: DESDOBRAMENTOS DO PENSAMENTO IDENTITÁRIO
FREUDIANO**

JONATHAS COSTA DO AMARAL

BRASÍLIA/DF – BRASIL, 2023



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Clínica – PCL

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPG PSICC

IDENTIFICAÇÃO: DESDOBRAMENTOS DO PENSAMENTO IDENTITÁRIO

FREUDIANO

JONATHAS COSTA DO AMARAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes

BRASÍLIA/DF – BRASIL, 2023

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes.

Banca avaliadora:

Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes (Universidade de Brasília - UnB) – Presidente

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (Universidade de Brasília - UnB) -
Membro Interno

Prof.^a Dr.^a Raquel Ghetti Macedo Bênia (Instituto Federal de Brasília - IFB) - Membro
Externo

Prof.^a Dr.^a Márcia Cristina Maesso (Universidade de Brasília - UnB) - Membro
Interno Suplente

RESUMO:

O conceito de *identificação* tem aparecido com frequência no estudo de fenômenos relacionados à identidade na contemporaneidade. Sua análise tem sido feita por diversos estudiosos tanto do campo da psicanálise quanto de outras áreas, tais como Dunker, Birman Žižek e Laclau. Foi no intento de entender de que forma o mecanismo de *identificação* pode se prestar à análise de temas associados à identidade do indivíduo na atualidade que nos engajamos nesta pesquisa. Fizemos inicialmente uma revisão bibliográfica do conceito na obra freudiana, de modo a compreender como a ideia foi se desenvolvendo e quais problemas de pesquisa suscitaram sua confecção. Em seguida delimitamos nossa análise aos três tipos de *identificação*, tal como descritos por Freud, de modo a empreender uma leitura metapsicológica de aspectos relacionados à identidade, tais como a individualidade, o comportamento grupal, o autoritarismo e a identidade sexual. Durante todo o percurso as contribuições de Lacan ao tema foram tomadas em consideração. Concluído nosso itinerário investigativo, foi possível demonstrar que o estudo do mecanismo da *identificação* se apresenta como conceito-chave na análise da categoria da identidade na modernidade por conter em suas proposições metapsicológicas possibilidades da análise dos fenômenos inconscientes que perpassam a categoria mencionada de maneira a desvelá-los, o que só pode ser feito com a lente dos estudos sobre o sujeito desejante que a psicanálise fornece.

Palavras-chave: psicanálise, identificação, identidade, contemporaneidade

ABSTRACT:

The concept of identification has frequently appeared in the study of manifestations related to identity in contemporary times. Its analysis has been carried out by several scholars from both the field of psychoanalysis and other areas, such as Dunker, Birman Žižek and Laclau. It was in an attempt to understand how the identification mechanism can lend itself to the analysis of themes associated with the individual's identity today that we engaged in this research. We initially carried out a bibliographical review of the concept in Freud's work, in order to understand how the idea was developed and what research problems raised its conception. We then limit our analysis to three types of identification, as described by Freud, in order to undertake a metapsychological reading of aspects related to identity, such as individuality, group behavior, authoritarianism and sexual identity. Throughout the journey, Lacan's contributions to the topic were taken into consideration. Having completed our investigative itinerary, it was possible to demonstrate that the study of the mechanism of identification presents itself as a key concept in the analysis of the category of identity in modernity as it contains in its metapsychological propositions possibilities for analyzing the unconscious phenomena that permeate the mentioned category in order to unveil them. which can only be done through the lens of studies on the desiring subject that psychoanalysis provides.

Keywords: psychoanalysis, identification, identity, contemporary times

Sumário

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: Identificação x Identidade	16
CAPÍTULO 2: Uma retomada histórica do conceito	21
CAPÍTULO 3: Identificação edipiana	48
3.1 Descrição	48
3.2 Édipo, identidade sexual	50
3.3 Estádio do espelho e imago	53
3.4 Complexo de Édipo, supereu, autoridade paterna	56
CAPÍTULO 4: Identificação regressiva (traço unário)	62
4.1 Descrição	62
4.2 Significante, discurso do inconsciente	63
4.3 traço unário, enigma do desejo	65
CAPÍTULO 5: Identificação por contágio	69
5.1 Descrição	69
5.2 Massa, grupo, ideal do eu	71
5.3 Narcisismo das pequenas diferenças, a aversão à diferença	75
5.4 Thanatos, compulsão à repetição	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	90

INTRODUÇÃO

A forma como os seres humanos processam a experiência de identidade, singularidade (e sua contrapartida oposicional, a diferença, alteridade), é um fenômeno que desperta a curiosidade de pensadores há muitos séculos. Desde a fluidez da irrefreável transformação das coisas do mundo em Heráclito, passando pela irreduzibilidade da ideia em Platão, e pelo Eu pensante e racional cartesiano, o tema teve espaço privilegiado dentro das reflexões filosóficas. (Heráclito, 2012; Platão, 1980; Descartes, 1637/1996)

Os tempos atuais, também chamados de pós-modernos, enfrentam, contudo, uma quebra de paradigma na leitura do que seria a identidade. Com a passagem visão teocêntrica da idade média para a antropocêntrica dos tempos modernos e as reorganizações espaço-temporais provocadas pelo avanço tecnológico, uma verdadeira revolução foi ocorrendo na ideia de indivíduo. O que levou à necessidade de se considerar os efeitos dessa experiência de fragmentação e descentralização a que as pessoas são agora submetidas em seu assujeitamento no mundo. Hall (2003, p.21) nos diz o seguinte: "Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela se tornou politizada".

Nos ramos das ciências sociais e humanas podemos destacar duas leituras essenciais desse descentramento do sujeito pós-moderno: a de Marx, que colocou as relações sociais de produção, dentro de uma realidade concreta, como centro da construção identitárias; e a de Freud, que com a ideia de inconsciente abalou de vez os ditames do *cogito* cartesiano, deslocando o discurso identitário da ordem da razão, do consciente, para a "desordem", irracionalidade, da linguagem do inconsciente (Hall, 2003). A famosa "torção"

do cogito cartesiano efetuada por Lacan (1966/1998) exemplifica bem a rotação entre esses dois sistemas de pensamento do ponto de vista da problemática do sujeito: “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (p. 521).

A psicanálise, portanto, rompe com a ideia tradicional de identidade. Dentro de seu corpo teórico o construto que comporta a ideia de identidade, de autodenominação, de diferenciação, de percepção de si mesmo, é o *eu*. Este, porém, é forjado em uma rede de operações inconscientes, cujos rastros podem ser postos em evidência pelo método desenvolvido por Freud. Dentre essas operações, poderíamos antecipar simplificadamente, as que se desdobram segundo o mecanismo da *identificação* têm protagonismo na narrativa identitária da psicanálise. Lacan (1961-1962/2003) fornece uma sagaz síntese da operação provocada por esse mecanismo psíquico. Ele diz que a identificação é aquilo “que coloca sob algum ser de suas relações a substância do outro” (p. 46). Esse conceito seria, portanto, primordial para se estudar os fenômenos associados à ideia de identidade pelo viés psicanalítico.

O conceito da *identificação* é visto como uma ideia-chave para se entender a origem das ligações emocionais de uma pessoa. Seu desenvolvimento se deu ao longo de diversos momentos na obra de Freud. Lacan (1961-1962/2003), grande revisor do ilustre médico vienense, afirma que a ideia de *identificação* assume *status* privilegiado na obra do fundador da psicanálise após determinado momento, reorganizando todo o arcabouço teórico psicanalítico. A estatura do conceito dentro obra lacaniana também não é modesta, tendo ele, inclusive, dedicado um seminário inteiro ao seu estudo. O polímata francês afirmou que a *identificação* é “o fenômeno psíquico mais fundamental, talvez, que a psicanálise descobriu” (Lacan, 1966/1998, p. 141). Do contexto em que tal ideia recebe um tratamento mais aprofundado dentro da obra de Freud, no estudo do fenômeno das *massas*, somado a repetidas menções ao mecanismo em estudos de abordagem social posteriores, se infere um padrão do

uso da *identificação* na pesquisa psicanalítica sempre que os processos psíquicos a que o ser humano é submetido em sua vida social são analisados.

Podemos observar o uso *identificação* em uma abordagem mais sociológica dentro da obra de Freud (1930[1929]/1996), por exemplo, quando ele afirma que a cultura humana é resultado, em grande parte, do estabelecimento de vínculos substitutivos, laços libidinais cujos objetivos sexuais foram inibidos. Essa operação é efetuada por meio de *identificações*. O que estaria, portanto, velado por trás de uma associação humana, seja ela para qualquer fim, seria uma relação originalmente libidinal, que só por meio do artifício da *identificação* se tornou dessexualizada, assumindo aspecto de ternura, de laço afetivo de ternura.

Esses vínculos, é preciso ressaltar, conservam a ambivalência libidinal originária, podendo transitarem entre o amor e o ódio. Nesse sentido podemos dizer que a operação de dessexualização não é total, e que é justamente a *identificação* que atua como facilitadora da manutenção parcial do objeto abandonado.

Percebemos aí a possibilidade de se utilizar desse conhecimento para explicar, por exemplo, a atitude hostil do ser humano em sociedade, que insiste em perdurar mesmo após incontáveis tentativas institucionais (cristianismo), jurídico-legais (Declaração Universal dos Direitos Humanos) e culturais (filmes, músicas, festivais) de alcance global de erradicar esse traço destrutivo do corpo social.

Visto pelo ângulo da hipótese econômica do aparelho psíquico, portanto, é bem possível se conjecturar que, quando há uma relação duradoura de ódio, de hostilidade, com alguém ou com um grupo, há um processo identificatório que a sustenta. Dunker (2019) atesta o seguinte: "(...) as identificações provocam afetos perigosos, como elas são um problema. Elas são um problema, mas não são um problema para os psicanalistas, elas são um problema para o laço social em geral, para as instituições e para a vida social" (p. 29)

Já é perceptível, então, que a *identificação* revela uma polarização nos laços sociais como característica da experiência relacional humana. Isso possibilita uma leitura completamente diferente dos comportamentos disruptivos tão comuns ao longo de toda a história da humanidade. Posto que o sentimento de ódio, ou de agressividade (para despojá-lo aqui de sua qualidade simbólica, e pensá-lo mais próximo de seu “estado bruto”), pode estar latente mesmo em uma relação de proximidade, de familiaridade, em uma relação entre iguais. Aliás, o que Freud mostrou em seus estudos foi que uma forma de se sustentar um ideal que mantenha a coesão dos laços identificatórios entre as pessoas, é alcançada pela colocação do outro, de um elemento exterior ao coletivo unido, como alvo privilegiado da hostilidade. Esse estratagema pode ser observado com persistência por todo o percurso histórico humano, a ponto de podermos facilmente reportar aos nossos tempos atuais o que o pai da psicanálise disse lá no início do século XX: “É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade”. (Freud, 1930[1929]/1996, p. 120).

Na literatura psicanalítica a *identificação* se revela também imprescindível na análise de temas mais diretamente associados ao campo clínico, tais como narcisismo, relação de objeto, categorias clínicas, desenvolvimento psicosssexual. Podemos até mesmo dizer que o mecanismo da *identificação* transita pelos três polos da ciência psicanalítica: método de investigação, técnica e teoria.

O narcisismo original, o autoerotismo, o desvelamento do ego como campo de cisão narcísica, o jogo balanceado da economia libidinal entre o eu e os objetos escolhidos,

tudo isso conduz à questão da identificação¹. (Florence, 1978/2021, p. 209, tradução nossa)

Acrescentamos aqui que essa considerável extensão a que o conceito é aplicado tem feito com que seu uso seja cada vez mais frequente não só por pesquisadores da área da psicanálise, mas também por sociólogos, filósofos e cientistas políticos, tais como Laclau (2003/2013) e Mouffe (2019/2020), por exemplo.

Tamanho ecletismo do conceito se deve certamente ao fato de que para a psicanálise a relação indivíduo-sociedade é dialógica. O próprio pai da psicanálise sempre defendeu uma concepção biopsicossocial do ser humano. Pode-se dizer que tal fato tenha sido um desdobramento das exigências que o próprio método inovador criou, a cada vez que se deparava com questões que ultrapassavam a observação clínica individual tradicional. Perez (2016, p. 164) constata que a empreitada de Freud, ao forjar a ideia de inconsciente tal como a temos na psicanálise, intentou “inventar uma nova causalidade psíquica inconsciente que lhe permitisse dar conta de eventos reais, de experiências de sujeitos que não podiam ser acolhidos nem com a causalidade natural nem com a causalidade psíquica consciente”.

Em dado momento da obra de Freud ele migra da análise de seus pacientes para o estudo de questões pertinentes à sociedade de modo geral. Sua conhecida afirmação de que a psicologia individual é também psicologia social pode ser vista como a constatação definitiva de que o estudo do indivíduo vai necessariamente passar pela relação de alteridade.

Essa a guinada da análise de casos clínicos individuais para o estudo de fenômenos sociais, como ressaltado há pouco, foi consequência das próprias descobertas sobre o funcionamento mental que o método inovador criado pelo pesquisador vienense

¹“Original narcissism, auto-eroticism, the discovery of the ego as the domain of narcissistic splitting, the balanced play of the libidinal economy between the ego and chosen objects – all this opens into the question of identification”.

proporcionou. Freud (1893-1895/1996) evidenciou já no início de sua trajetória investigativa que as fronteiras entre a normalidade e a doença mentais não eram tão delimitadas quanto se pensava. Ao observar diversas ocorrências de fenômenos que eram comuns aos neuróticos e às pessoas ditas normais, por exemplo, ele não se desviou da rota que seus estudos apontavam, de modo que podemos dizer que a aplicação da psicanálise para além do âmbito da psicopatologia revela uma orientação ética a ser seguida por qualquer pesquisador que for utilizá-la em seus estudos (Freud, 1901/1996). Essa aplicação, portanto, faz parte de um projeto político vinculado às origens de tal teoria.

Como pontua Garcia-Roza (1984/1996), as conclusões dos estudos de Freud sobre a psicopatologia deveriam ser transpostas aos indivíduos de modo geral, criando assim uma teoria do funcionamento psicológico que alcançasse o ser humano em sua totalidade. Dentro do contexto deste estudo, será fundamental considerar semelhante uso da psicanálise, visto que a ideia de *identificação* fornece uma base discursiva sobre os aspectos afetivos das relações humanas. As crises hodiernas desencadeadas pelas constantes rupturas nos laços sociais, marcadamente inflados pelo ressentimento, pelos engajamentos políticos identitários e pela colocação de líderes na posição de ideal, quando analisadas sob a ótica da teoria da *identificação*, revelam a posição regressiva assumida pelo indivíduo no contexto das *massas* organizadas, tal como estudadas pelo mentor da psicanálise. (Dunker, 2016). Esses comportamentos, ressaltamos, são encontrados em um vasto contingente de pessoas que não são necessariamente portadores de alguma psicopatologia. Observemos o que Enriquez (2005) diz:

[...] a psicanálise não é apenas a ciência da psique individual, mas também aquela das interações entre os diversos indivíduos, dos processos de identificação, de projeção e

da formação de fantasias ativadas nas inter-relações e que desorientam a realidade psíquica dos indivíduos [...]. (p. 159)

O desvelamento de processos inconscientes evidenciados pela pesquisa psicanalítica pode revelar os mecanismos por trás dos laços sociais. Estes são, por sua vez, os resultados objetivos das interações feitas por aqueles processos. Freud chamou de “psicanálise aplicada” o uso da teoria psicanalítica no estudo dos fenômenos sociais e políticos. O efeito prático de sua aplicabilidade consiste, de acordo com Habermas (1968/1982, p. 232), na possibilidade de gerar “o ato de autorreflexão que alteraria a vida e levaria ao movimento de emancipação”.

Tal aplicação se torna possível dentro de um campo do saber tão distinto do das ciências naturais, como é o psicanalítico, por intermédio conjunto de hipóteses metapsicológicas que Freud extraiu de sua prática clínica e que sustentam um discurso sobre os processos inconscientes que são característicos de toda essa espécie falante que é a humana. Birman (1994, p. 19) atesta que o “(...) que o discurso freudiano realizava efetivamente eram *operações de interpretação*, baseadas na escuta dos analisantes, de onde construía as suas hipóteses metapsicológicas sobre o psiquismo”.

Foi seguindo essa orientação, impulsionados pelo interesse de entender o porquê de a *identificação* ter assumido protagonismo nas pesquisas que tentam entender fenômenos associados à ideia de identidade na contemporaneidade, que nos engajamos neste estudo. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica do conceito na obra de Freud, que consistiu em perscrutar de que forma o conceito foi tomando forma em suas investigações, que problemas levaram à sua descrição e quais delimitações ele traçou. Este primeiro percurso visa entender o que é a *identificação*.

Em uma segunda etapa, faremos uma análise metapsicológica do construto da *identificação* por meio da exploração de sua tripartição tipológica, tal como consta em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921/1996). Com essa aplicação das hipóteses psicanalíticas em torno da ideia de *identificação* pretendemos evidenciar a utilidade desse conceito como chave interpretativa dos fenômenos associados à identidade nos tempos atuais. Em ambas etapas mencionadas, consideraremos as revisões e acréscimos Lacan. Orientando-nos pelo caráter interdisciplinar do saber psicanalítico, recorreremos, ainda, a observações de estudiosos contemporâneos de áreas variadas do saber, tais como Žižek, Bauman, Dunker, Birman, Laclau, cujas visões da *identificação* sob um ponto de vista contemporâneo acrescentarão consistência histórica à análise.

Sucintamente, portanto, esta pesquisa pretende descrever as possibilidades de aplicação dos tipos de *identificação* descritos por Freud na leitura de fenômenos sociais atuais associados à categoria da identidade. Com a revisão do arcabouço teórico do conceito estudado, esperamos também salientar seu protagonismo na construção teórica psicanalítica, principalmente a partir da segunda tópica. Na análise metapsicológica dos aspectos identitários atuais sob a ótica da teoria da *identificação* nos orientaremos pela ideia de que o binômio indivíduo/sociedade pertencem à mesma categoria do sujeito do inconsciente, sendo que a separação dos termos é meramente um recurso didático (Jacoby, 1977). Observemos o que diz Florence (1978/2021):

o objeto da psicanálise não é um indivíduo, mas a totalidade das relações pulsionais que o ligam a outros indivíduos _ essa prevalência das relações, da rede, sobrepujam a

noção de indivíduo a tal ponto que ela se torna insignificante. (p. 136, tradução nossa)²

Antes de adentrarmos na revisão do conceito na obra de Freud, acreditamos ser necessário uma breve discussão sobre a correlação entre *identificação* e identidade, de modo a delimitar mais claramente nossos objetos de estudo.

²“(…)the object of psychoanalysis is not an individual but the totality of instinctual relations connecting him to other individuals – this predominance of relationships, of the network, outweighing the concept of the individual to such an extent as to render it insignificant.

CAPÍTULO 1

Identificação X Identidade

Já mencionamos o fato de que *identificação* é um mecanismo que explica a aquisição de certos traços que estruturam a instância do *eu* no indivíduo. A escolha de nomear esse conceito com uma palavra que remete etimológica e semanticamente ao termo “identidade”, certamente, considerando o pesquisador criterioso que era Freud, não se deu sem que se observasse as relações entre os termos³. A similaridade dos termos, contudo, não sustenta um paralelismo conceitual entre eles. Por isso precisaremos traçar uma breve delimitação entre a “identidade” e a *identificação*, facilitando então as correlações que serão feitas entre os termos ao longo do nosso estudo.

A noção de identidade remonta a uma longa tradição filosófica. Esteve presente nos ecos do aforismo “Conhece-te a ti mesmo” inscrito no templo de Apolo, em Delfos, que encontrará uma doutrina da verdade no idealismo de Platão. E marcou o pensamento moderno com a ascensão do sujeito cartesiano e sua ideia do “idêntico a si mesmo”. Encontramos em Japiassú e Marcondes (1971/2007, p. 178) uma definição sucinta que nos ajuda a entender que a filosofia entende, de modo geral, a “identidade” como a “relação de semelhança absoluta e completa entre duas coisas, possuindo as mesmas características essenciais, que são assim a mesma”.

Essa tradição de pertencimento do tema ao campo da especulação filosófica, contudo, acabou dificultando uma construção de um saber que o conjugasse sob uma perspectiva clínica e teórica na teoria psicanalítica. Ou seja, o debate em torno da ideia de identidade foi em grande parte feito sob um ponto de vista psicossociológico, sem que se

³ As palavras “identidade” e “identificação” em alemão são respectivamente: “identität” e “identifizierung”. (Kluge, 2002)

desse ênfase na dinâmica intrapsíquica, sem que se assumisse, portanto, uma visão metapsicológica. (Costa, 1983/1984)

Posto, então, que, em Freud, não é o sujeito supostamente coerente, indiviso, da consciência, cujo substrato é primordialmente a realidade social, que vai fornecer as bases para se pensar a identidade; estaria, então, já nas origens do pensamento psicanalítico uma orientação para a problemática. É aí que nos depararemos com a noção de *identificação*, que, ao considerar os efeitos das operações inconscientes sob o sujeito, desestabiliza a concepção tradicional de identidade e permite uma narrativa metapsicológica sobre o tema trazendo à baila os efeitos das dinâmicas entre as estruturas psíquicas, as pulsões e os princípios que organizam as descargas libidinais.

Para Freud, a identidade é um amálgama de afetos e representações que o sujeito experimenta e formula como sendo a natureza de seu Eu e do outro, do corpo-próprio e do mundo de coisas e objetos. Estas representações e afetos são transitivos, móveis e múltiplos. Mudam conforme a posição que o sujeito ocupa nas relações com os outros, posição constantemente cambiante e mutável. (Costa, 1983/1984, p. 85)

O que se tem, então, na psicanálise, é uma formulação da experiência identitária que se processa no intercâmbio entre as experiências internas e externas do indivíduo considerando-se a intervenção dos processos inconscientes. Os fenômenos desestabilizadores do psiquismo da consciência são o foco do campo analítico do estudo humano, justamente por que se trata aqui de uma ciência do inconsciente. Todavia, não se prescinde da experiência social humana, posto que é numa relação de linguagem que o sujeito existe como tal (Lacan, 1972-1973/1985b). É por isso que aspectos relacionados à cultura, que medeiam as relações entre as pessoas e que influenciam diretamente na construção de um

autoconceito, de como o indivíduo se percebe e percebe os outros, têm também grande importância para a psicanálise. (Johnson, 1997)

Lacan, que, ao se debruçar sobre o problema em questão, se remete às considerações lógicas do racionalismo de Descartes e Kant para mostrar que a ideia de uma identidade encerrada sobre si mesma não se sustenta na leitura psicanalítica do fenômeno, visto que esta concebe o sujeito como cindido, atravessado por uma linguagem que o aliena de si mesmo, que o faz com que ele exista por intermédio de um outro lugar, por referência ao desejo do Outro⁴. Observemos que Lacan (1961-1962/1998) recupera essas referências da filosofia em seu estudo em torno da problemática da *identidade* para subsidiar, seja por relações de oposição, de similaridade, ou analógicas, a metapsicologia da *identificação*. Aí está, portanto, uma forte afirmação de que esse mecanismo seria o conceito-chave para a análise das questões que orbitam em torno da ideia de *identidade* no campo psicanalítico do saber.

É justamente, então, esse fator novo gerado pela colocação do inconsciente no primeiro plano que faz com que o saber psicanalítico seja revolucionário, que ele escape à aplicação dos sistemas de pensamento que o antecederam. Por essa razão, pode-se afirmar que Freud está, juntamente com Marx e Nietzsche, na categoria de pensadores que romperam com o paradigma do reinado da razão no discurso da modernidade (Birman, 2006). Essa radicalidade do sujeito psicanalítico influenciou sobremaneira pensadores contemporâneos, como Habermas e Žižek, por exemplo, que pensam a identidade como algo menos rígido, cristalizado, e mais contingente, situacional.

⁴ Para aprofundamento a respeito da diferença entre *outro* e *Outro* conferir os seguintes trabalhos de Lacan: *O Seminário, livro 3: as psicoses* (1955-1956/1985a); *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973/1985b); *Escritos* (1966/1998).

O Eu se sabe não apenas como subjetividade, mas como uma instância que “desde sempre” transcendeu os limites da subjetividade, realizando essa operação, ao mesmo tempo, na cognição, na linguagem e na interação: o Eu pode se identificar consigo mesmo precisamente mediante a distinção entre o que é meramente subjetivo e o não-subjetivo. Partindo de Hegel e chegando, através de Freud e Piaget, desenvolveu-se a idéia de que sujeito e objeto se constituem reciprocamente, e que o sujeito só pode se tornar consciente de si mesmo em relação com — e na construção de — um mundo objetivo. (Habermas, 1976/1983, pp.15-16)

Contrastante com a proposição cristalizante, coesiva do estatuto da identidade, a *identificação* fornece a noção de instabilidade, desconhecimento. De demarcações múltiplas que carregam os processos e retrocessos da pulsão, como suporte narrativo do *eu*. Para se entender o que se pode chamar de identidade, desde o ponto de vista psicanalítico, é necessário, portanto, tal como escreve Birman (1993, p. 18) “superar a identidade que o indivíduo se atribui através de seu ego⁵ e em sua relação com outros egos, para que se possa apreender a dinâmica pulsional e seus destinos identificatórios”.

As descrições contemporâneas do conceito de identidade, como consequência inclusive da influência do saber psicanalítico que nos referimos acima, entendem o fenômeno como algo mais flexível, com um delineamento mais circunstancial. O chamado à individualidade que marca a experiência moderna de existir teve certamente impacto sobre a percepção que os indivíduos têm de si mesmos. É nesse sentido que Giddens (2002 como citado em Cunha, 2007, pp. 173-174) entende a identidade atual, como uma “narrativa reflexiva do eu e aparece no contexto de uma leitura do impacto causado pelas

⁵ Ao logo de todo o texto trataremos indiscriminadamente os termos ego/superego /id e eu/supereu/isso. Tal lógica sinonímica se aplica em outros casos similares, tal como catexia e investimento, por exemplo. Para saber mais sobre questões a respeito das traduções de Freud para o português cf. Tavares, P. H. (2011). *Versões de Freud: Breve panorama crítico das traduções de sua obra*. 7 Letras.

transformações da modernidade na experiência individual, como uma articulação, portanto, entre a experiência subjetiva e os modos de organização social”. Bauman (1999/2001) também segue nessa linha ao afirmar que os indivíduos já não são mais circunscritos, constrictos, dentro de ideias totais, como a de classe, por exemplo. Em sua descrição da contemporaneidade como “modernidade líquida” ele afirma que o que se tem é um processo de autoconstrução contínuo da identidade de si, sendo-se, portanto, livre para se recriar, se recolocar dentro dos moldes ofertados.

Tais visões, contudo, continuam carecendo do olhar apriorístico que a ideia de identificação supõe para a experiência de autoidentificação do *eu*. Devido à concepção da psicanálise de que os processos inconscientes são primordiais na vivência psíquica dos indivíduos, um estudo que investigue temas relacionados à categoria da identidade (semelhança, unidade, diferença, grupo, assimilação, etc) carecerá de um operador que funcione dentro dessa lógica. Por isso utilizaremos a *identificação* como chave compreensiva, ficando a identidade anteposta como sistema de referência, como conjunto de ideias sobre o qual se aplicará os discursos engendrados pela manipulação do conceito psicanalítico.

CAPÍTULO 2

Uma retomada histórica do conceito

Antes de nos enveredarmos pelo percurso teórico de Freud sobre a *identificação*, em que traçaremos o diálogo entre uma linha cronológica e outra conceitual, emprestaremos a definição de Roudinesco & Plon (1997/1998), que, por sua síntese muito bem efetuada, nos antecipa as características principais que orbitarão em torno do conceito nas obras de Freud e Lacan: Ela descreve a *identificação* da seguinte forma: “Termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam” (p. 363).

Acrescentemos, à guisa de direcionamento didático, a descrição de Florence (1978/2021) da teoria da identificação de Freud em dois modelos, que correspondem sucessivamente à primeira e segunda tópicos do aparelho psíquico: o histérico e o melancólico (narcísico). O primeiro está situado relaciona-se com os estudos em torno do sonho. O segundo deriva da análise de questões em torno do *eu*.

Observemos que na primeira formulação do aparelho psíquico por Freud, chamada topográfica, a instância do *eu* (cuja análise está intrinsecamente associada ao mecanismo da *identificação*), estava associado ao pré-consciente e ao consciente. Seu papel se resumia a mediar as excitações endógenas e exógenas, negociando entre as possibilidades de prazer e desprazer de acordo com o *princípio da realidade*. Além do mais, estava imune às influências da sexualidade, já que sua energia não advinha das pulsões sexuais, e sim das pulsões do *eu*, que tinham por meta a autoconservação, diferentemente do prazer sexual visado pelas primeiras. (Moreira, 2009)

A primeira tópica, portanto, evidenciava a influência iluminista no pensamento freudiano à época de sua formulação. O objetivo de Freud era fornecer uma base neurofisiológica para os processos psíquicos. A ideia de *eu* aí apresentada o aproxima de um racionalismo em cuja ideia de identidade, em seu sentido mais comum, poderia se associar (Birman, 1997). Freud (1895/1996) define essa instância nesse momento como a sede da consciência, em cujas funções se encontram a inibição da alucinação e o recalque da sexualidade.

Esse *eu* descrito por Freud em seu modelo topográfico do aparelho mental estava relegado, portanto, a uma função estritamente biológica: à conservação da vida. Suas operações garantiriam que o indivíduo se ajustasse à realidade social. Ele controlava o livre fluxo de energia a que o organismo era submetido encontrando as saídas possíveis para a descarga das pulsões sexuais. O *princípio da realidade* era soberano ao *princípio do prazer*. Contudo, as operações de recalque efetuadas sobre os representantes psíquicos das pulsões sexuais cujo acesso foi bloqueado à consciência não eliminava essas produções psíquicas, ficando estas ativas no inconsciente. Esses produtos do recalque acabam por forçar sua entrada no consciente através de deformações, disfarces, nos sonhos e nos sintomas. (Freud, 1893-1895/1996) E é justamente dentro na investigação desses dois fenômenos que teremos as primeiras formulações em torno da *identificação*, isso a que Florence (1978/2021) chamou de modelo histórico.

Quando Freud reformula suas teses sobre o funcionamento psíquico, na tópica estrutural/dinâmica, o *eu*, embora ainda conservasse a característica de intermediador das excitações externas e internas às quais o ser humano é submetido, passa a funcionar sobre forte influência dos processos inconscientes. O *eu* da segunda tópica, nas palavras do próprio Freud (1923/1996) é “aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo

externo (...)”, seu funcionamento está submetido às pulsões sexuais, estando, portanto, fortemente influenciado pelo *princípio do prazer*.

No modelo estrutural do aparelho psíquico a instância do *eu* passa a ter maior protagonismo nas investigações de Freud. Sua constituição irá relevar a experiência inexorável de alteridade que o designa, e a *identificação* se tornará cada vez mais presente no corpo teórico psicanalítico justamente por ser elemento fundamental para a explicação da formação do *eu*, já que seu mecanismo descreve com primazia a assimilação desses outros que habitam o indivíduo. Ou, mais importante ainda, o constituem. (Freud 1923/1996)

Tendo, então, antecipado essas informações, vejamos de que forma Freud chegou até elas. Começemos pela análise das primeiras ocorrências do termo *identificação* na obra do pai da psicanálise.

Nas formulações de Freud (1900/1996) acerca da teoria dos sonhos temos as primeiras aparições do termo *identificação* numa perspectiva teórica. Em sua análise do sonho da “Bela Açougueira” ele fala sobre o conceito enfatizando a diferenciação entre esse mecanismo e o que se chama meramente imitação: “a *identificação* não constitui uma simples imitação, mas uma assimilação baseada numa alegação etiológica semelhante” (p. 184).

Já é perceptível nessa definição inicial do conceito a especificidade com que esse fenômeno psíquico é revestido ao estar inserido dentro de uma rede de associações inconscientes tal qual é a que é tecida tanto pelo trabalho onírico quanto pela formação do sintoma histérico. No primeiro caso, a *identificação* é descrita como uma ferramenta que trabalha associando duas pessoas ou mais por meio de um elemento comum. No sonho, portanto, diversas pessoas podem assumir o papel do *eu do* sonhador. Por intermédio de associações inconscientes entre traços comuns, o trabalho do sonho forja figuras compostas, fornecendo assim uma via de escoamento para impressões recalcadas. O conteúdo manifesto do sonho apresenta uma pessoa, o trabalho da análise revela que sob essa imagem oculta(m)-

se, na verdade, outra(s) pessoa(s). Já no caso dos sintomas histéricos, a *identificação* entra em jogo para explicar a forma como esses sintomas podem surgirem por referência a um desejo inconsciente que se supõem como causador da moléstia observada no histérico copiado.

Freud, portanto, era categórico ao enfatizar a diferença entre o que denominava à época imitação histérica e o que ele agora descrevia como *identificação histérica*. Este fenômeno, diferentemente do que se descrevia em relação ao primeiro, acontece numa operação inconsciente que faz com que um sintoma se forme em uma segunda pessoa em referência ao sintoma de uma primeira com quem se supõe uma relação por meio de um elemento comum. O conteúdo latente do sonho supracitado revelado por intermédio do método interpretativo detalha essa montagem pictórica. A sonhadora havia recebido, na véspera do sonho, a visita de uma amiga cuja aparência física era sempre elogiada por seu marido. A esposa enciumada tinha como trunfo o fato dessa amiga ser muito magra, o que ia de encontro à preferência do marido por mulheres mais encorpadas. O sonho consistia numa cena em que a paciente de Freud fracassava em dar uma ceia, apesar de seus esforços nesse sentido. O que estava por trás desse enredo onírico, contudo, era a representação da amiga pela imagem da sonhadora. Por meio de um traço associativo (uma renúncia a um desejo gastronômico) foi possível que o trabalho onírico satisfizesse o desejo da esposa ciumenta de que a amiga não comesse, e, assim, não engordasse e se tornasse ainda mais atraente aos olhos de seu marido.

Essa característica de possibilitar a representação do *eu* no sonho por intermédio de outras pessoas que o mecanismo da *identificação* como ferramenta onírica possui tem importantes consequências nas elaborações posteriores sobre o tema. Podemos dizer que já temos aí uma base à ideia de multiplicidade da personalidade psíquica do *eu* que será explorada após as reformulações teóricas da segunda tópica. Isso nos leva em nossa interpolação a sublinhar que a ideia da *identificação* enquanto mecanismo formador do *eu* já

estava esboçada nessa primeira formulação do conceito, visto que já indicava esse referenciamento a outras pessoas na configuração psíquica de uma representação de si mesmo.

Consideremos as observações que Lacan faz sobre a *identificação* enquanto ferramenta onírica retomando na análise do “sonho da injeção de Irma” empreendida por Freud em sua autoanálise. O psicanalista francês demonstra como os múltiplos personagens do sonho do criador da psicanálise (que representavam ele próprio, utilizando de aproximações simbólicas condensadas ou deslocadas nas figuras oníricas) revelam que a estruturação do *eu* é derivada de diversas *identificações* forjadas ao longo do desenvolvimento do sujeito. Essas *identificações*, para que fique claro, e não incorramos na suposição de banalizar essa operação psíquica inconsciente, são representativas de momentos importantes na vida do indivíduo, situações de significativas alterações no *eu*, “marcos essenciais”, para usar o termo de Lacan.

Ainda em referência à *identificação* no contexto da teoria dos sonhos, a comparação entre a *identificação* e a metáfora feita pelo psicanalista francês esclarece ainda mais a especificidade da operação que esse mecanismo engendra em relação a um simples comportamento imitativo (Lacan, 1955-1956/1985a). A *identificação*, tal como a metáfora, funciona por meio de um assemelhamento implícito entre duas coisas distintas, dispensando o elemento comparativo, que é característico de outra figura de linguagem, a *símile*. Não há o jogo de cena tal como em uma representação teatral na qual se possa “ser como” um determinado personagem sem que haja desintegração do *eu* posteriormente, ou que se incorpore radicalmente aspectos do personagem vivido. Pelo contrário, o mecanismo identificatório trabalha promovendo a modificação de aspectos ligados à personalidade do indivíduo sem que este tenha percepção do estrangeirismo originário que desencadeou a mutação. Aquilo que é alteridade passa a ser subjetividade puramente, como bem ilustrado

em dois consagrados personagens da literatura mundial: Dom Quixote passa a “ser o” cavaleiro andante, da mesma forma que Jacobina experimenta uma ruptura em sua identidade ao não conseguir se definir de outra forma senão como o alferes (Saavedra, 1605/2005; Assis, 1882/1970).

Dando sequência ao percurso histórico do conceito, chegamos ao seminal relato de caso da análise de Dora. Freud (1905[1901]/1996) traz, então, mais uma vez a *identificação histérica*, dessa vez dentro de uma análise mais detalhada⁶. Aqui há, além do mencionado trabalho teórico, a clara evidência da instrumentalidade do conceito na prática clínica. Na busca pela etiologia das então chamadas psiconeuroses, Freud observa que alguns sintomas do quadro patológico de Dora se formavam a partir da *identificação* com pessoas próximas (a tosse do pai e as dores estomacais da prima, por exemplo). Tal operacionalidade do processo de *identificação* se tornou fundamental dentro da teorização psicanalítica a respeito do tema. O idealizador da psicanálise faz menção justamente ao “caso Dora” quando ilustra o tipo de *identificação* que ocorre na estruturação de sintomas neuróticos em *Psicologia de Grupo e A Análise do Ego* (1921/1996).

O uso inicial da ideia de *identificação* como mecanismo onírico também é reafirmado aqui. Ao longo da análise dos sonhos de Dora, que estruturam grande parte do relato do caso, Freud mostra como o mecanismo possibilita que a sonhadora seja representada por outras pessoas, escapando assim ao recalçamento e proporcionando a satisfação alucinatória dos desejos.

Dessa incursão na etiologia das neuroses foi possível, portanto, a constatação de que o mecanismo da *identificação* é protagonista no processo de formação dos sintomas desse quadro patológico. Contudo, sua importância no manejo técnico do analista se expande

⁶ Antes de A interpretação dos Sonhos, Freud já havia mencionada a *identificação histérica* no Rascunho N (1950 [1892-1899]/1996), sem elaborar, contudo, uma análise mais detalhada.

para além da clínica da neurose, fato que se torna evidente em uma publicação posterior de Freud sobre a paranoia (caso Schreber), demandando aqui, portanto, um salto temporal para conservarmos o fio da argumentação teórica. (Freud, 1911/1996)

A forma como a *identificação* propiciou a configuração das ideias paranoides de Schreber, cujas bases se ligavam a um forte complexo paterno e ao recalque de pulsões de conteúdo libidinal homossexual, colocavam-na como chave de compreensão da psicose também. Aliás, essa forma de *identificação narcísica* será constantemente retomada por Freud, principalmente para explicar a gênese da homossexualidade masculina. Ela ajudará no entendimento da escolha objetal que determinará a disposição sexual masculina ou feminina, nos termos colocados à época. (Freud, 1923/1996)

As correlações entre a *identificação* e a relação de objeto na estrutura das diferentes categorias nosológicas estudadas por Freud são resumidas por Florence (1978/2021):

(...)A identificação, cuja função já havia sido descrita nessa correspondência com Fliess, era analisada desde então como tendo diversas formas mórbidas, conectadas e diferenciadas com base no tipo de defesa ou repressão em sua origem: na histeria e na neurose obsessiva, nas quais as identificações não eliminam o apego (real ou fantasmático) aos objetos; no contraste dessas duas neuroses à paranoia, que dissolve as identificações, rompe o apego aos objetos e dissocia o ego; na ligação entre culpa, vergonha e remorso neuróticos com os episódios de depressão, luto e melancolia.⁷

(p.207, tradução nossa)

⁷“Identification, whose function was already being described in this correspondence with Fliess, was discussed even then as having several morbid forms, connected and differentiated based on the type of defence or repression at their source: hysteria and obsessional neurosis, where identifications do not eliminate attachment (real or fantasised) to objects; the contrasting of these two neuroses to paranoia, which erases identifications, breaks attachments to objects and splits the ego; the linking of guilt, shame and neurotic remorse with states of depression, mourning and melancholia”.

O mecanismo da *identificação*, portanto, proporcionará entender a forma como os afetos se deslocam dos objetos para o *eu*. Essa dinâmica terá grande influência nos rumos tanto do entendimento metapsicológico do funcionamento mental quanto das considerações clínicas sobre a prática da análise. Por um lado, será necessário investigar o que a ideia de um investimento pulsional sobre si mesmo, sobre o *eu*, supõe. Investimento este que, destaquemos, não é análogo ao descrito em referência ao *autoerotismo*. Por outro, as questões em torno do narcisismo implicarão em formulações a respeito dos quadros clínicos, sugerindo-se indicações e contra-indicações à análise que ocasionarão diversas leituras pelas variadas escolas do pensamento freudiano. Podemos citar aqui, a título de exemplo, as discordâncias em torno da análise de psicóticos entre os seguidores de Freud e os de Melanie Klein. (Roudinesco & Plon, 1997/1998)

Ao longo de nosso estudo esbarraremos novamente nessas questões, momento em que será mais propício para analisá-las.

O que fica entendido dessa seção da nossa revisão é que o mecanismo da *identificação* opera como suporte das substituições libidinais entre o sujeito e o mundo externo. Contudo, a problemática em torno do narcisismo obriga Freud a posicionar o conceito sob nova ótica. Será preciso considerar sua participação não somente enquanto facilitador da formação de sintomas neuróticos e da arquitetura pictórica dos sonhos. O que se supõe de sua participação na incorporação de objetos abandonados pelo investimento libidinal sexual é que ele está envolvido em um processo de modificação da identidade em si da pessoa, de seu caráter. Retornemos ao percurso histórico para entendermos como essa construção teórica se deu.

A guinada de pensamento de que estamos tratando ocorrerá em meio a emergência de reformulação da ideia de Freud sobre o aparelho psíquico, esboçada em *O*

Inconsciente (1915a/1996), que culminará posteriormente na segunda tópica. O ilustre pensador austríaco, ao descrever o processo de retirada da libido de um objeto externo para o *eu* em *Luto e Melancolia* (1917 [1915]/1996), cita a *identificação* para demonstrar como esse mecanismo participa da “montagem” da melancolia. O *eu* identifica-se com o objeto abandonado e passa a investir sobre ele nesse sentido: “Essa substituição da *identificação* pelo amor objetal constitui importante mecanismo nas afecções narcisistas”. (p. 255). Nessa obra é traçada também a distinção entre *identificação narcisista* e *histérica*. Na primeira há o abandono do investimento no objeto, na segunda, porém, o investimento persiste.

Estamos agora definitivamente no terreno da problemática do narcisismo, cujo debate se tornou cada vez mais importante no campo do saber psicanalítico. Desde o ensaio *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1910/1996), Freud já vinha desenvolvendo sua teoria do narcisismo. Sua problematização em torno do tema tratou inicialmente da descrição da relação de objeto típica da homossexualidade, para, posteriormente, se tornar parte essencial do entendimento da sexualidade humana, dentro de uma perspectiva do desenvolvimento dito normal. O conceito recebeu tratamento conceitual mais amplo no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914a/1996), podendo ser definido, resumidamente, como o processo em que a libido é investida no próprio corpo. Ou, ainda, quando ela é retirada dos objetos e recolhida para o *eu*. Dessas duas definições, respectivamente, decorre a divisão do conceito em *narcisismo primário* e *secundário*. A introversão libidinal que é característica desse processo fez com que entrasse em jogo um mecanismo que facilitaria o abandono do investimento nos objetos externos. Esse mecanismo é o da *identificação*. Sua operação de estampagem sobre o *eu* de uma característica originalmente alheia se tornou imprescindível ao entendimento do narcisismo (Freud, 1910/1996; Freud, 1914b/1996; Roudinesco & Plon, 1997/1998).

Zimmerman (2009) nos apresenta uma importante descrição de como a clínica do narcisismo revela aspectos fundamentais da noção de identidade para a psicanálise. Noção que passa pela estruturação psicosexual do *Édipo* e, como já ficou claro em nossa explanação, pela *identificação*.

Nos casos mais graves de transtornos narcisistas, a presença, interiorizada, de figuras parentais, sentidas como tanáticas e enlouquecedoras, impedem a passagem da posição narcisista para a edípica, processo que é indispensável para a constituição do sentimento de identidade e de uma coesão objetal. (Zimmerman, 2009, p. 256)

Aqui, retomando a elaboração de Florence (1978/2021), fica claro a guinada em direção ao modelo melancólico (narcísico) da *identificação*. Podemos dizer também que com essa primeira subdivisão tipológica, Freud já ensaiava uma análise mais aprofundada sobre o mecanismo em questão, o que de fato o fez em seu trabalho sobre a psicologia das *massas*.

Outra relação levantada em *Luto e Melancolia* (1917 [1915]/1996) diz respeito à ambivalência entre o amor e ódio em relação ao abandonado objeto de desejo abandonado, que agora, devido à operação da *identificação*, se encontra dentro do *eu*. Tal ambivalência será de fundamental importância na explicação de Freud sobre os fenômenos grupais. Começa-se, portanto, a se esboçar a virada teórica da psicanálise freudiana para a análise dos fenômenos sociais.

E é justamente apoiado por essa recente conceituação da *identificação narcisista* que Freud descreve a análise de uma jovem que o relatou um episódio de delírio de perseguição, em *Um Caso de Paranoia que Contraria a Teoria Psicanalítica da Doença* (1915c/1996). O processo de formação do sintoma se deu da seguinte forma: partindo do

amor objetal com a mãe a jovem regride à *identificação narcisista*. Esse recurso de regressão a um estágio de investimento pré-objetal se deve justamente aos traços de investimento libidinal deixados pelas *identificações* realizadas pelo sujeito, cuja manipulação se torna possível devido ao fenômeno da *imago*. O que esclareceremos adiante, quando adentrarmos nos tipos de *identificação* (Freud, 1914a/1996).

O conceito perscrutado voltou a aparecer na obra de Freud em *História de Uma Neurose Infantil* (1918 [1914]/1996). Na descrição do caso clínico do “homem dos lobos”, Freud mostra como a *identificação* auxiliou na formação de fantasias neuróticas e de sintomas (perturbações da função intestinal) ao longo da vida do paciente analisado. Por meio da análise foi possível desvelar os distúrbios intestinais do “homem dos lobos” como resultado de *identificação* com a mãe, cujo padecimento em decorrência de moléstia abdominal ele presenciou em seu período de infância. Aqui se trata, portanto, da *identificação histérica*, que consiste justamente nesse mecanismo de tomar como referência um sintoma da pessoa desejada e assumi-lo para si.

Nessa obra Freud descreve também como a *identificação* pode ser substituída por uma escolha objetal, de acordo com o progredir do estágio de desenvolvimento. O que acaba por se revelar nessa operação, sob a perspectiva do *complexo de Édipo*, é também sua contrapartida: a característica regressiva que uma corrente libidinal pode assumir. Nas fantasias infantis do “homem dos lobos”, dentro do espectro de sua vida sexual sádica, a *identificação* com o pai era mantida, enquanto que sob o domínio das influências libinais masoquistas este passava a ser objeto sexual. Esse duplo vínculo ao objeto paterno decorre: a) em seu componente sádico - do fato de que na pré-história do *Édipo* do célebre analisando de Freud houve uma *identificação* originária com o pai, cujo caráter de satisfação libidinal era ativo; b) e em sua natureza masoquista - de suas experiências e fantasias infantis que fizeram com que, com a angústia da castração, ele assumisse um papel passivo em sua vida sexual.

Observemos que a análise do “homem dos lobos” ensejou a descrição detalhada de aspectos em torno da sexualidade infantil que Freud vinha desenvolvendo há algum tempo e se tornariam fundamentais na teoria da *identificação*. A ideia da *incorporação* como alvo da atividade sexual do estágio oral, a ambivalência característica da organização sádico-anal, a bissexualidade constitucional, tudo isso será essencial para fundamentar a tipologia da *identificação*. (Freud, 1905/1996; 1915b/1996; 1914b/1996)

O caráter transmutativo da *imago* à qual essa *identificação originária* se associa também fica bem evidente em *História de Uma Neurose Infantil* (1918 [1914]/1996). Freud mostra como dentro desse protótipo paterno alternaram-se ao longa da vida afetiva do jovem analisado figuras como Deus, tutor, lobos, cavalos, objetos relacionados a militares. Tal efeito se deve, aqui já estava claro, ao fato de a *identificação* operar pelo intermédio de um traço associativo. Observação que assumirá *status* conceitual na formulação de Lacan a respeito do *traço unário*, como veremos posteriormente.

Atentemos, ainda na esteira da obra aludida, para o fato de que a funcionalidade do mecanismo na obra em questão, servindo de ponte, de conector, para fins da satisfação de impulsos reprimidos, é a mesma descrita nas primeiras aparições da *identificação* na obra de Freud, quando de sua teorização sobre os sonhos. O componente relacional que as considerações referentes ao *complexo de Édipo* inserem na discussão oferece elementos acerca de atributos associados à questão identitária humana. A orientação sexual, as dimensões afetivas da personalidade, as obsessões, são elementos que transitam pelo entendimento das *identificações* e relações objetais no *Édipo*.

Na década de 1920 chegamos enfim ao início da prenunciada grande reformulação teórica de Freud, que culminará na formulação da segunda tópica (Roudinesco & Plon, 1997/1998). A ideia de *identificação*, primordial para o entendimento da dinâmica libidinal do narcisismo e das relações entre *eu*, *supereu* e *isso*, é incorporada definitivamente

ao discurso psicanalítico. Este, portanto, seria o momento a que Lacan se refere, em que a ideia de *identificação* assume *status* privilegiado na obra de Freud, reorganizando todo o arcabouço teórico psicanalítico. O psicanalista francês, aliás, recorreria constantemente ao conceito nessa perspectiva da segunda tópica. Primeiramente, nas décadas iniciais de seu ensino, em sua conceituação do *estádio do espelho*, depois para subsidiar sua teoria do sujeito. (Kaszubowski & Aguiar, 2015; Lacan, 1961-1962/2003)

No ano de 1921 *Psicologia de grupo e a análise do ego* é publicado. Texto que contará com a primeira e única tentativa mais completa de Freud de teorização do problema da *identificação*. O capítulo dedicado ao conceito é iniciado com a conhecida definição de que a *identificação* seria “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (Freud, 1921/1996, p.109). Instigado pelo estudo do comportamento humano inserido na *massa*, ao se deparar com o problema da função do líder nesse contexto, ele recorre ao mecanismo da *identificação* para explicar os laços emocionais formados entre seguidores e uma figura de liderança. Freud, retomando as elaborações que já havia feito sobre o tema, esquematiza o mecanismo subdividindo-o em três tipos: a *identificação* que “desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo” (p.109), a “identificação, tal como ocorre na estrutura de um sintoma neurótico” (p.110) e a *identificação* que “deixa inteiramente de fora de consideração qualquer relação de objeto com a pessoa que está sendo copiada” (p.111).

A opção de apresentar os subtipos citando a descrição de Freud diretamente nos pareceu viável para indicar um aspecto importante da teoria da *identificação* de Freud: sua acanhada sistematização. Por exemplo, os subtipos não recebem uma nomenclatura específica, antes é a própria definição dos processos psíquicos engendrados por eles que assumem o papel adjetivador da palavra *identificação*. Isso, sem dúvida, decorre em parte da própria complexidade com que o projeto metapsicológico se depara na formulação de suas

ideias. Recordemos que o próprio conceito de *identificação*, tomado por si só, sem uma subdivisão categórica, já indica uma ideia cuja aplicação, pela imprescindibilidade do mecanismo que desvela na leitura de diversas ocorrências da vida psíquica, é recorrente no campo do saber psicanalítico. Mas essa teorização inacabada é o resultado também de um empreendimento que é, bem entendido, claramente o esboço de uma teoria. O próprio Freud (1933[1932]a/1996) estava ciente das deficiências de sua teorização acerca do processo de *identificação*, expressando publicamente sua insatisfação.

Contudo, toda a discussão sobre os tipos de *identificação*, com a devida ampliação dos temas citados, ficará para a segunda parte desse estudo.

Voltando ao percurso teórico, em *O Ego e o Id* (1923/1996), Freud retoma a explicação sobre a substituição de um investimento de um objeto por uma *identificação* feita em *Luto e Melancolia* (1917 [1915]). Aqui, porém, ele acrescenta que esse processo é típico do aparelho mental, principalmente nas “fases primitivas de desenvolvimento” (p. 44), tendo forte influência na forma assumida pelo *eu*, associando-o, portanto, à ideia de “caráter”. Essa tipicidade da *identificação*, aproximando-a da análise dos comportamentos ditos normais, já havia aparecido em *Sobre A Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901/1996) e aparecerá também em *Psicologia de Grupo e A Análise do Ego* (1921/1996) e no artigo *O Humor* (1927/1996). Aqui, contudo, será necessário fazermos uma digressão.

Como já dito anteriormente, a distinção indivíduo-grupo-massa-sociedade não se sustenta dentro da análise do sujeito de que trata a psicanálise, sujeito do inconsciente, do desejo. A conhecida citação de Freud (1921/1996) esclarece muito bem esse argumento:

Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a

psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (p. 77)

A possibilidade de se expandir os conhecimentos da teoria psicanalítica do particular para o geral, com as devidas ressalvas, ou do individual para o social, é atestada mais uma vez pelo pai da psicanálise, quando de seu estudo sobre a *identificação*. Já que ele afirma que o mecanismo, estudado inicialmente dentro do contexto da clínica individual (análise dos sonhos e dos sintomas neuróticos), está envolvido em atos do cotidiano, tais como escolha de carreira profissional e lapsos da fala. (Freud, 1901/1996)

Em uma entrevista para o programa Provoca (Youtube, 2022), da TV Cultura, a cantora Maria Rita fala sobre a escolha de sua carreira, sobre como foi algo que foi acontecendo sem que ela se apercebesse: “Eu sabia que eu cantava, mas não sabia que eu era cantora”. Ela, filha de Elis Regina, ícone da música brasileira, ressalta em outro trecho “(...) tudo envolvia o legado da minha mãe”. A artista diz não ter lembrança alguma de Elis, que morreu quando Maria Rita tinha apenas quatro anos: “(...) não lembro do cheiro, não lembro da voz (sic), eu não lembro... nada”. Desde que surgiu no cenário artístico, Maria Rita foi muito comparada à mãe, não só pelo fato de alguma semelhança no timbre vocal, mas pelos trejeitos assumidos no palco. Embora a artista se justifique sobre a não intencionalidade desse assemelhamento, sob a ótica da ideia da *identificação* pode-se dizer que tal justificativa é dispensável. Lembremo-nos que o processo de se identificar a uma pessoa é completamente diverso da tentativa de imitá-la, são mecanismos disparados a partir de sistemas diferentes do aparelho mental. Adiante, na entrevista, é perguntado à cantora quando é que o pensamento “de mãe e filha se encontram”. Ela responde: “no palco”. *Ser* cantora é, portanto, mais do que *cantar*. Para Maria Rita é uma forma de se aproximar dessa mãe apagada da memória, cujo registro mais vivo para a filha são as apresentações gravadas em vídeo.

Seguindo o nosso raciocínio, podemos dizer que o interesse da psicanálise por esses temas até então marginais ao discurso científico tradicional se deve, como pontua Jorge (2000/2008), ao fato de ela lidar com o inconsciente, esse “lugar” que opera segundo leis que escapam à coerência e regularidade dos instrumentos epistemológicos racionalistas. A ideia de *identificação*, portanto, pertencendo a esse corpo teórico do estudo do inconsciente, não poderia desembocar em outro lugar, senão o das irregularidades, das contradições, dos tropeços da fala, do sentido, etc.

Situando-nos, portanto, nos paradigmas da tópica estrutural/dinâmica, a leitura do conceito de *identificação* assume cada vez mais protagonismo dentro da ideia de subjetividade, do que poderíamos chamar de experiência identitária na psicanálise. Experiência que se revela inexoravelmente relacional, marcada, desde as primeiras experiências do indivíduo pela alteridade. Lacan (1953-1954/1979), ainda no início de seu ensino, faz a seguinte observação: “O *eu* é um objeto feito como uma cebola, poder-se-ia descascá-lo, e se encontrariam as identificações sucessivas que o constituíram” (p. 199). Portanto, qualquer pretensão de se pensar um indivíduo *sui generis* contraria a forma como a psicanálise entende o estatuto da identidade humana, forjada a partir de diversas referências alheias.

Nesse ponto do estudo freudiano sobre a *identificação* já é possível relacionar o mecanismo à formação e transformação da instância que comporta, do ponto de vista psicanalítico, a ideia de personalidade, de identidade: o *eu*. Do ponto de vista dinâmico, o que ocorre é que a instância do *eu* se submete às alterações que forem necessárias para que estreite suas relações com o *isso*. O caráter funcional dessa operação consiste em possibilitar uma negociação em que o investimento objetal seja mantido, apesar do abandono do objeto (pelo menos em sua integralidade, já que sabemos que há uma conservação parcial). Sobre a composição do *eu*, Freud (1923/1996) escreve o seguinte:

Assim, temos afirmado repetidamente que o ego é formado, em grande parte, a partir de identificações que tomam o lugar de catexias abandonadas pelo id; que a primeira dessas identificações sempre se comporta como uma instância especial no ego e dele se mantém à parte sob a forma de um superego: enquanto que, posteriormente, à medida que fica mais forte, o ego pode tornar-se mais resistente às influências de tais identificações. (p. 63)

Temos nessa descrição uma importante informação a respeito do mecanismo da *identificação*: é por meio de uma operação sua que se forma o *superego*. O caminho até o aparecimento dessa instância pode ser resumido da seguinte maneira: após o abandono da posição narcisista, ocasionado pelas interdições da realidade, que impossibilitam a continuação do desfrute de um *eu ideal*, a criança se *identifica* com a instância parental, transmissora dos valores morais e tradições, incorporando-a como a estrutura nomeada *superego*, que fará as funções de auto-observação, de consciência moral, além de fornecer um modelo referencial para o *eu*, o *ideal do eu*. A descrição de Freud (1923/1996) sobre essa instância ilustra bem o processo descrito: “(...) por trás dele do ideal do eu jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal”. (p. 46).

Outro fato que é preciso ser destacado é que essa primeira *identificação*, que esboça o *ideal do eu*, remete conceitualmente à descrição da *identificação primária*, utilizando a nomenclatura de Lacan. Ou seja, a esse processo de incorporação de algo, de um traço, que é fonte de satisfação libidinal na fase inicial de desenvolvimento psíquico. Essas construções teóricas, como já demonstramos, estão associadas primordialmente aos estudos

de Freud sobre o narcisismo e o desenvolvimento psicosexual. (Freud, 1905/1996; Freud 1914b/1996; Lacan, 1961-1962/2003)

A compreensão da instância do *ideal do eu* se mostrará fundamental para a leitura psicanalítica do homem como ser social. Essa *identificação* arcaica que erigirá a estrutura socializadora, instauradora da *Lei*, o *supereu*, aparecerá por força da necessidade de abandono dos pais enquanto objetos sexualizados no *Édipo*. A dinâmica entre *eu* e *isso* com a interposição do mecanismo da *identificação* que explicará a aquisição de uma nova estrutura acarretará em importantes considerações teóricas na metapsicologia freudiana.

Por um lado se tem a relação entre *eu* e *supereu*, que será marcada pela severidade com que a segunda instância tratará a primeira. Essa visão, baseada na descrição de uma instância moral, será predominante em boa parte das formulações teóricas de Freud sobre as estruturas psíquicas da segunda tópica. Todavia, há também a relação entre o *eu*, o *supereu* e o *isso*. Relembremos da descrição citada acima, que salienta a transformação de investimentos abandonados pelo *isso* em *identificações* internalizadas no *eu*. E é nessa dinâmica relacional que Freud se ancora quando, diante das especulações acerca da *compulsão a repetição*, desenvolve a noção de *pulsão de morte*. A excessiva severidade do *supereu* passa então a ser vista sob a ótica da destrutividade constitucional humana que a reformulação teórica do criador da psicanálise põe em destaque. (Pena, Moreira & Guerra, 2020; Freud, 1920a/1996)

O *supereu* é em parte, portanto, produto da realização humana no sentido da civilização. Nesse sentido ele funciona, por intermédio da formação do *ideal do eu*, transformando o que na escala humana de valores é tido como o mais baixo da vida mental (desejos incestuosos, rivalidade entre irmãos) em produtos da maior estima e elevação da espécie (justiça, moral). O mecanismo da *identificação* é o canal dessa operação,

possibilitando transposição de uma da atitude hostil, agressiva em escolha objetal afetuosas.

(Freud, 1923/1996) E é seguindo essa perspectiva que Freud afirma:

No caso (...) dos sentimentos sociais dessexualizados (...) estão presentes sentimentos violentos de rivalidade que levam a inclinações agressivas, sendo que, apenas após estes terem sido superados, o objeto anteriormente odiado se torna amado ou dá origem a uma *identificação*. (1923/1996, p. 58)

Por outro lado, o *supereu* é a instância responsável pelo sentimento de culpa, que se, com sua força inibidora, contribui ao longo da história para o convívio dos seres humanos, também gera grande ansiedade e sentimentos de inferioridade no *eu* ao se comparar com contraparte idealizada, o *ideal do eu*. Freud analisou como o sentimento de culpa estava firmemente presente na etiologia da neurose obsessiva e da melancolia. Hoje, efetuando uma simplificada adequação nosográfica, podemos continuar afirmando que quadros obsessivos e depressivos continuam associados a fortes sentimentos de culpa (Associação Americana de Psiquiatria [APA], 2013/2014). Tal sentimento antitético talvez encontre sua melhor expressão, no êxtase da exclamação proferida pelo eu lírico da poetisa: “ó, Felix culpa!”. (Adélia Prado, 1988/2014)

A *identificação* opera, portanto, como facilitadora das trocas libidinais entre as três instâncias do aparelho psíquico (*eu, supereu e isso*). Resumidamente, podemos esquematizar o trabalho do mecanismo da *identificação* sob o ponto de vista dinâmico da segunda tópica da seguinte forma: para lidar com as exigências de abandono de certos objetos (como o pai ou a mãe, por exemplo), o *eu* os incorpora, como forma de compensação, assumindo suas características (traços), ou seja, identificando-se com o objeto; e, assim, possibilitando o investimento sobre si próprio pelo artifício da regressão à posição narcísica;

Essa operação de incorporação resulta em uma instância dentro do *eu*, o *supereu*, que se torna autônoma, embora interdependente, podendo, a partir de então, participar da dinâmica de regulação da libido com o auxílio das operações identificatórias, que, colocadas em funcionamento por meio daquela *identificação* inaugural, continuarão modificando o *eu* ao longo da vida do sujeito.

Outro conceito primordial decorre dessa teorização do dinamismo psíquico dentro da tópica estrutural, em que a *identificação* aparece como mecanismo privilegiado da análise, é o da *sublimação*. Sua definição está operacionalmente atrelada ao processo engendrado pela *identificação*, já que tanto em um como no outro há uma transformação da libido do objeto em libido narcísica, com o conseqüente abandono do objetivo sexual no investimento pulsional. (Freud, 1923/1996)

Freud (1923/1996) mostra que o abandono da mãe como objeto sexual na dissolução do *complexo de Édipo* pode ser preenchido ou por uma *identificação* com a mãe, ou pela intensificação da *identificação* com o pai. O teórico aponta que a bissexualidade constitucional dos seres humanos torna esse processo mais intrincado à descrição simples, já que as *identificações* e as primitivas escolhas de objeto são variáveis em ambos os sexos. Essa associação entre *identificação* e disposição sexual que será assumida após o *complexo de Édipo* já vinha sendo teorizada há algum tempo, como vimos, principalmente nas considerações a respeito da etiologia dos sintomas paranóides.

Aliás, a importância da *identificação* na trama do *complexo de Édipo*, será retomada constantemente na obra de Sigmund Freud (1940 [1938]/1996), sendo que a última aparição do conceito em seus escritos é dentro desse contexto. Os versos de Fernando Pessoa (2006), sob o heterônimo Álvaro de Campos, cismando sobre a existência, simbolizam bem esse processo identificatório parental da trama edípica:

Lembro-me de que seria interessante
Enforçar os filhos à vista das mães
(Mas sinto-me sem querer as mães deles),
Enterrar vivas nas ilhas desertas as crianças de quatro anos
Levando os pais em barcos até lá para verem
(Mas estremeço, lembrando-me dum filho que não tenho
e está dormindo tranquilo em casa). (p.76)

As décadas finais da produção textual de Freud, que faleceu no ano de 1939, ficariam marcadas por sua incursão em temas relacionados a campos do saber com a antropologia, a religião e a política. É nesse contexto que ele escreve *O Futuro de Uma Ilusão* (1927/1996), retomando o debate teórico em torno da ideia do *supereu* como produto da internalização das renúncias pulsionais. O conceito de *identificação* aparece aqui como o elemento que liga as classes sociais por meio de desfrute narcísico de compartilhar de um ideal cultural. O que se vê aqui, portanto, é uma leitura mais social e política a respeito do papel coercitivo, socializador do *supereu*. Freud argumenta que a *identificação* da classe subjugada com os ideais da classe dominante pode ser explicada pelo viés da economia libidinal dos afetos. Mesmo uma pessoa que se encontre à margem da sociedade, como os pertencentes às classes hipossuficientes financeiramente, pode em certas ocasiões usufruir de certos privilégios normalmente reservados aos que detêm poder econômico. Tudo dependerá da possibilidade de *identificação*, ou seja, da colocação de um mesmo ideal por intermédio de um laço libidinal. O resultado dessa operação é a manutenção da aparente coesão de um grupo, unido por um elemento simbólico, tal como “nação”, já que se poderá descarregar os sentimentos agressivos aos indivíduos situados de fora do laço, e ao mesmo tempo descarregar as pulsões homoeróticas narcisicamente.

Embora Freud não adentre mais detalhadamente na análise do mecanismo da *identificação* dentro desse espectro sociopolítico, fica evidente que a ideia em que ele se apoiava era aquela descrita em *Psicologia de Grupo e A Análise do Ego* (1921/1996), mais especificamente no tipo de *identificação* das *massas*. Recordemos que o período de escrita do texto referido foi marcado pela tensão social que prenunciava a instauração do regime nazista na Alemanha na década de 1930. Mesmo que na *identificação* descrita por Freud em *O Futuro de Uma Ilusão* (1927/1996) não haja a descrição de um líder a ser colocado no lugar de *ideal do eu*, podemos dizer se trata do mesmo processo, ou ainda, de uma progressão temática. Pois, quando da análise sobre a psicologia das *massas*, o pesquisador vienense já havia considerado a possibilidade de a figura do líder ser substituída por uma abstração.

Em *O Mal-Estar na Civilização* (1930 [1929]/1996), Freud fala mais uma vez sobre o processo de criação do *supereu*, iniciado pela incorporação da autoridade paterna por meio da *identificação*. O conceito aparece também com uma importância central na administração social das pulsões agressivas dos seres humanos, já que a incitação a relações amorosas com finalidades inibidas, base das relações familiares e produto da *identificação*, é evidente e constante nas sociedades humanas.

Essa fase do pensamento freudiano enfatiza a análise de produtos sociais, tais como a religiosidade, o patriotismo, a família, a moral, as leis; associando-os a suas investigações derivadas da clínica individual sob um ponto de vista econômico do aparelho psíquico. A forma como os agrupamentos humanos organizaram suas culturas ao longo da história, ou, colocando em outros termos, como teriam se organizado em torno de sua renúncia pulsional, ocasionariam em grande influência sobre o indivíduo. A *identificação* aparece como mecanismo-chave nesse processo, já que é por meio dela que se pretende explicar a aquisição da consciência, da moral. Pela introjeção da figura paterna, estabelecendo o núcleo do *supereu*, como Freud já havia analisado anteriormente, conforme

já sublinhamos, e das estratégias a que o inconsciente do sujeito recorre na administração de suas pulsões (sublimação, introjeção de objetos abandonados, substituição dos objetos paternos incorporados ao *eu* por outros).

Em *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise* (1933[1932]a/1996), trabalho publicado como suplemento textual às *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise* (1915-1916/1996), Freud se refere à *identificação* como “a ação de assemelhar um ego a outro ego”. (p. 68). Retomando uma diferenciação iniciada em *Psicologia de Grupo e A Análise do Ego* (1921), ele reafirmará que esse mecanismo não é o mesmo que da escolha objetal, trazendo mais uma vez as categorias “ser” e “ter” para exemplificá-la: “Se um menino se identifica com seu pai, ele quer ser *igual* a seu pai; se fizer dele o objeto de sua escolha, o menino quer *tê-lo*, possuí-lo” (p. 68). O mais importante a se notar aqui, do ponto de vista da formação do caráter, ou da experiência identitária, é que no primeiro caso há uma modificação no *eu* do indivíduo, há um remodelamento dessa instância, o que não é condição para o segundo caso.

É, pois, nessa linha de raciocínio que Freud (1933[1932]a/1996) reafirma o papel primordial das *identificações* na construção do caráter de uma pessoa. A definição, “parcial”, ele deixa claro, apresentada da ideia de caráter nos auxiliará no esclarecimento:

Primeiramente, e acima de tudo, existe a incorporação, sob forma de superego, da anterior instância parental, que é indubitavelmente, a sua parte mais importante e decisiva; e, ademais, identificações com ambos os pais do período subsequente e com outras figuras de influência, e as identificações semelhantes formadas como remanescente de relações objetais a que se renunciou. (p. 94)

Lacan (1966/1998) apresenta uma contribuição essencial nesse ponto com sua explanação sobre o termo *identificação secundária*. Esta opera segundo um mecanismo de reformulação identificatória, que, na trama do *complexo de Édipo*, engendra a introjeção da *imago* do genitor do mesmo sexo. Se trata, portanto, de uma segunda etapa que depende da estruturação do sujeito como rival de si mesma, forjada anteriormente pela *identificação primária*, aquela que incorpora o pai idealizado. Essas *identificações secundárias* seguirão reconfigurando a *imago* paterna e tendo papel fundamental na socialização do ser humano, organizando a libido para operar dentro do que se pode chamar de função normal.

Não se pode deixar de observar que toda essa trama da *identificação* é pensada por Freud num ponto fronteiro entre suas especulações biológicas e metapsicológicas. Os processos fisiológicos, sustentados pela tradicional linguagem científica herdada da Física, fornecem a parte quantitativa da análise. Enquanto que as operações estruturalizantes das instâncias psíquicas emprestam o subsídio qualitativo. É assim, por exemplo, que temos a explicação sobre como o *eu* utiliza da *identificação* para extrair energia do *isso*. O método consiste em identificar-se com objetos reais ou abandonados, de modo que se torne possível desviar a libido para si próprio.

Nessa fase final da obra de Freud, de interesse mais sociológico, como já ressaltamos, o conceito de *identificação* é retomado e inserido definitivamente dentro da análise dos vínculos sociais humanos. Tudo o que o pai da psicanálise havia teorizado em torno desse processo transformador do *eu* vem agora alicerçar seu debate sobre temas de relevância sociopolítica à época. É o que mostra em sua ilustre resposta a Albert Einstein sobre os motivos da guerra:

Tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens deve atuar contra a guerra. Esses vínculos podem ser de dois tipos. Em primeiro lugar,

podem ser relações semelhantes às aquelas relativas a um objeto amado, embora não tenham uma finalidade sexual. (...) O segundo vínculo emocional é o que utiliza a *identificação*. Tudo o que leva os homens a compartilhar de interesses importantes produz essa comunhão de sentimento, essas identificações. E a estrutura da sociedade humana se baseia nelas, em grande escala. (Freud (1933 [1932]b/1996), p. 205).

Ainda nessa linha de pensamento, já no ocaso de sua obra, em *Moisés e o Monoteísmo: Três Ensaios* (1939 [1934-1938]) Freud retoma o estudo da *identificação* por incorporação canibalística, tal como descrita inicialmente em *Totem e Tabu* (1913[1912-1913])/1996), para explicar a forma como o filho forja um assemelhamento com o pai. O entendimento desse processo é primordial à compreensão da criação da religião. A persistente associação da infância humana ao homem primitivo também é retomada aqui.

A manipulação do conceito dentro dessa fase final da obra freudiana, revela, portanto, a imprescindibilidade de se recorrer à *identificação* quando se pesquisa temas relacionados a experiência relacional, social do ser humano, sob o viés psicanalítico. Isso porque o mecanismo está relacionado às trocas libidinais entre a pessoa e o meio ambiente, ou, em termos psicanalíticos, à relação sujeito-objeto, e, principalmente, porque é por meio de uma operação dessa qualidade que se instaura o *supereu* como instância psíquica. Freud enfatiza sobremaneira o papel do *supereu* em suas hipóteses sobre os produtos culturais das sociedades humanas. Tendo esclarecido o papel dessa instância na transmissão transgeracional dos valores morais, ele sublinhava, com certo entusiasmo, que caberia, por esse viés, uma contribuição da psicanálise ao campo da educação também. (Freud, 1923/1996)

A interdisciplinaridade da teoria psicanalítica é mais uma vez revelada aqui. Ora, o percurso histórico em torno do conceito da *identificação* na obra de Freud coloca em

evidência o que Ortiz observa em seu artigo “A psicanálise é interdisciplinar” (2019, p. 308, tradução nossa), que o pai da psicanálise, “(...)quando se deparou com os limites da pesquisa positivista em que fora formado, não hesitou em recorrer a outros saberes para inventar um novo método de pesquisa, uma nova terapia e um novo corpus teórico para explicar o psiquismo”.⁸ Para construir o saber inovador da psicanálise, Freud recorreu a distintos campos do saber: medicina, sociologia, antropologia, filosofia política, história, literatura. Lacan, com seu projeto de “retorno a Freud”, seguiu na mesma linha, tendo recorrido à antropologia estrutural, à linguística estrutural, à semiologia, à filosofia, dentre outras correntes de pensamento.

Com essas observações finalizamos a primeira parte de nosso estudo, que se orientou por um aporte mais epistemológico. A partir daqui pensaremos a *identificação* pelo viés da aplicação da psicanálise à análise dos fenômenos psíquicos associados à ideia de identidade, estejam esses associados à clínica em seu entendimento mais tradicional (psicopatologia, técnicas analíticas) ou expandido (relações sociais, saúde coletiva, relações de poder). Em outros termos, na segunda parte de nossa pesquisa adentraremos na análise metapsicológica da *identificação* dos problemas identitários hodiernos.

Para tanto partiremos do que foi apreendido até o momento sobre o conceito da *identificação*, esquematizando da seguinte forma: 1) a *identificação* está intrinsecamente ligada à estrutura do *eu*, portanto à ideia de consciência do mundo e de si próprio, àquilo que é comumente chamado de identidade; 2) a *identificação* participa da regulação das trocas libidinais entre um indivíduo e outro, estando nesse sentido associada ao papel do desejo nas relações humanas; 3) é por meio da *identificação* que o *supereu* é forjado, o que faz com que por meio dela possamos pensar as idealizações e *identificações* grupais no corpo social.

⁸ “(...)cuando encontró los límites de la investigación positivista en que fue formado, no dudó en acudir a otros saberes para inventar un nuevo método de investigación, una nueva terapéutica y un nuevo corpus teórico para explicar el psiquismo”.

Entendendo que os três tipos de *identificação* descritos por Freud, mais as atualizações de Lacan, principalmente a ideia de *traço unário*, abrangem os três axiomas de nosso esquema, estruturaremos nossa análise a partir deles.

CAPÍTULO 3

Identificação edipiana

3.1 Descrição

Emprestemos a arguta definição de Lacan (1966/1998) como ponto de partida de nossa análise sobre a primeira categoria apresentada por Freud em sua esquematização da *identificação*: “a identificação edipiana é aquela através da qual o sujeito transcende a agressividade constitutiva da primeira individuação subjetiva” (p. 120). (Freud, 1921/1996)

A *identificação edipiana* traz em sua definição, portanto, a menção a uma experiência anterior, a um percurso formador do sujeito. Ela funciona como superação de uma etapa que a antecede, imprimindo sobre ela sua marca. Para entendermos melhor esse processo é preciso descrever o que seria essa experiência arcaica.

Freud (1921/1996), como já destacamos anteriormente em nossa pesquisa, inicia sua elaboração sobre os tipos de *identificação* descrevendo o mecanismo como processo que remete à experiência arcaica de laço emocional do sujeito. Esse processo pode ser descrito como uma *identificação primária*, que, em termos do desenvolvimento psicosssexual, é delineada como produto da relação oral canibalística. Tal formulação é fruto das investigações de Freud sobre as origens dos processos psíquicos de diferenciação, momento em que o desenvolvimento da ideia de apoio na fisiologia para sustentar a formação da sexualidade humana, submetida ao desejo, forneceu a descrição da incorporação como metáfora privilegiada para a relação de objeto e, conseqüente, para os processos de *identificação*. (Freud, 1913[1912-1913]/1996; Florence, 1978/2021)

Essa operação tem função primordial na economia psíquica do aparelho mental ainda em formação do bebê, já que é para dar conta das correntes libidinais que o

atravessam constantemente que seu inconsciente lança mão desse artifício. É importante ressaltar que dinamicamente o processo da *identificação primária* é anterior à relação de objeto, posto que ainda não há sequer objeto para que haja investimento. O bebê está ainda em estado fusional com o corpo materno, todas as sensações de contato entre os dois são experienciadas pelo primeiro como que numa totalidade indiferenciada. (Freud, 1923/1996; Lacan 1966/1998)

O modelo canibalesco de incorporação de objeto da fase oral servirá de suporte operacional na descrição dessa *identificação* inaugural com o pai. Sua funcionalidade decorre do fato de que ao incorporar o pai idealizado a criança se coloca posição de objeto de investimento do amor materno. Essa idealização é a base do *eu ideal*, cujo complexo de impressões advindas dos objetos abandonados pelo *isso* se converterá na estrutura portadora da severidade da *Lei*, originada da interdição do incesto (ou seja, da mãe enquanto objeto de investimento sexual), o *supereu*. (Freud, 1923/1996)

A *identificação primária* é elemento decisivo, portanto, nas explicações acerca das origens do *eu*. A *imago* paterna assumida para efeito de antecipação da maturação e a posterior gradação do *eu* em *supereu* e *ideal do eu* fornecem um quadro completo do ser humano socializado. Mas se essa *identificação primitiva* estabelece uma possibilidade de um investimento sobre si próprio em termos psíquicos ao bebê, após a formação e fortalecimento das estruturas do *eu* e do *supereu*, decorrentes da socialização da criança, será necessária uma nova *identificação* que opere de modo a facilitar o abandono dos pais sexualizados do *Édipo*. Aí temos, portanto, a *identificação edipiana*. A descrição de Freud (1923/1996) sobre a saída do *complexo de Édipo* esclarece bem esse processo:

Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências em que ele consiste agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação

materna. A identificação paterna preservará a relação de objeto com a mãe, que pertencia ao complexo positivo e, ao mesmo tempo, substituirá a relação de objeto com o pai, que pertencia ao complexo invertido; o mesmo será verdade, *mutatis mutandis*, quanto à identificação materna. A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais. (p. 48)

A identificação edipiana tem efeito socializador. Tanto a *identificação paterna* como a *materna* registrarão no *eu* os resíduos dessa fase de relação objetal libidinosa com os genitores (ou cuidadores, que exerçam esse papel) sob a forma do *supereu*. Esse registro, justamente pela atração que estimula, acabará por exigir grande severidade do *supereu*, resultando no sentimento de culpa característico da consciência humana.

O destaque às noções de caráter masculino ou feminino que Freud empresta às teorizações relacionadas à *identificação edipiana* é notável, merecendo, portanto, que tracemos uma breve consideração a esse respeito.

3.2 Édipo, identidade sexual

Se não se pode evitar a consideração de que a psicanálise freudiana privilegia o patriarcado em seu desenvolvimento conceitual, também dificilmente se pode deixar de reconhecer o caráter emancipador de suas proposições acerca da sexualidade humana. Lima, Bedê e Rocha (2023) pontuam o seguinte:

Assim, mesmo estando historicamente marcada por formulações que eventualmente recaem no biológico, no inato ou numa heterossexualidade presumida, a herança que a

psicanálise nos deixou é, via de regra, um processo de desnaturalização da sexualidade, além de uma despatologização radical de formas sexuais ditas “desviantes”, bem como uma escuta da singularidade. (p. 6)

A identidade sexual, tema tão recorrente nos debates atuais, encontra, portanto, na psicanálise uma possibilidade de leitura sob a ótica dos processos inconscientes que regem a sexualidade humana. Pesquisadores referência no campo dos estudos de gênero, como Judith Butler, por exemplo, recorrem à psicanálise e à *identificação* para subsidiar suas análises. (Butler, 2002; Ambra, 2016)

O *complexo de Édipo* metaforiza metapsicologicamente a interdição que funda a sociedade humana, como já enfatizamos. Os investimentos e desvios pulsionais efetuados ao longo da trama edipiana, contudo, são tão importantes quanto a resolução encadeada na relação *castração – identificação - abandono de objeto - escolha objetal genital*. As considerações analíticas acerca da sexualidade humana, que a multiplicidade de posições que se pode assumir frente ao objeto de desejo supõe, atestam em desfavor de um discurso científico naturalizante e normatizador da orientação sexual assumida pelo indivíduo adulto. Na teoria do *complexo de Édipo* é preciso considerar a indeterminação de objeto da pulsão, a libido narcísica, a bissexualidade constitucional, a disposição perverso-polimorfa, e todas as outras descobertas ou reformulações feitas por Freud que versavam sobre o tema do desejo sexual. (Freud, 1905/1996; Freud, 1914b/1996; Freud, 1915b/1996)

Como herdeiro do vocabulário médico regulamentador e diferencialista do século XIX não é de se surpreender que Freud recorresse por vezes às terminologias que o antecederam. O próprio *complexo de Édipo* pode ser lido como uma normalização da heteronormatividade, já que sua resolução implica o menino se identificar com o pai passando a desejar o sexo oposto, ocorrendo o mesmo com a devida inversão dos gêneros no

caso da menina. Tal descrição obviamente decorre de um modelo familiar tradicional tal qual se tinha à época de Freud. Contudo, muitas ressalvas foram feitas ainda pelo próprio pesquisador vienense ao longo de sua obra (Freud, 1920b/1996; Freud, 1924/1996; Freud, 1933[1932]a/1996). Observemos o que diz Lacan (1966/1998) sobre a trama do *Édipo*, e veremos que sua saída como chave da cisheretonormatividade é, para dizer o mínimo, problemática: “Se o medo da castração está no princípio da normatização sexual, não nos esqueçamos de que, ao se referir sem dúvida à transgressão que ela proíbe no Édipo, ela afeta igualmente nele a obediência, detendo-o em sua inclinação homossexual” (p.866)

Lacan claramente estava se referindo ao desfrute libidinal narcísico, cujo papel primordial na vida sexual primitiva da criança foi assunto recorrente de Freud (Freud,1910/1996; Freud 1911/1996). O que se retém de mais importante dessas observações dentro dos objetivos de nossa pesquisa é o fato de que a teoria psicanalítica inclui em suas teorizações uma visão inovadora da identidade sexual, ou de gênero, humana. A bissexualidade constitucional passou a ser incluída, mesmo que tardiamente talvez, na trama edipiana. Por isso suas várias possibilidades de resolução em termos de orientação sexual. (Lima, Bedê & Rocha, 2023)

A trama edipiana, portanto, é a matriz de todo o desenvolvimento posterior do sujeito. A *identificação* aparece nesse contexto lançando luz sobre o entendimento a respeito de como se dá a assimilação desses complexos de representações psíquicas que assumirão a forma do *eu* e de suas gradações, o *supereu* e o *ideal do eu*, e exercerão funções específicas na comunicação entre o sujeito e o mundo externo. A compreensão de como a *identificação* ajuda a entender a formação do *eu*, de como ela está na origem da experiência identitária humana, ganha maior nitidez com as formulações feitas por Lacan a respeito do que ele denominou *estádio do espelho*. É isso que analisaremos agora.

3.3 Estádio do espelho e imago

O *estádio do espelho* é descrito por Lacan como a etapa em que a criança se apropria de uma imagem unificada de si, por meio de um processo *imaginário*⁹, o que ocorre, aproximadamente, no intervalo entre seis e dezoito meses de vida. Assim forja uma antecipação virtual do domínio corporal ainda não atingido. A descrição que o ilustre psicanalista francês faz, comparando-o a um processo de *identificação*, auxiliará nossa análise:

Basta compreender o estágio do espelho como uma *identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem - cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. (Lacan, 1966/1998, p. 97)

Posto que no início de seu desenvolvimento o bebê humano, prematuro constitucionalmente, tem uma percepção fragmentada de sua experiência corporal, a captação da imagem do adulto que lhe fornece cuidados (cuja manipulação plena dos movimentos corporais performada é ansiada pelo bebê) faz com que ele antecipe para si essa maturação desejada pela *identificação* com uma imagem especular de si.

Coloquemos essa imagem especularizada do corpo sob o termo *imago*, e teremos um elemento de função “*informativa*” para o aparelho psíquico. A *imago* possibilita

⁹ Para mais aprofundamento sobre ternário real, simbólico e imaginário de Lacan, cf., dentre outros trabalhos, *Os complexos familiares na formação do indivíduo, O estágio do espelho como formador da função do eu*”, em *Escritos* (1966/1998); *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955/2000); *Séminaire 22 - RSI*, (1974-1975) (Inédito).

o intercâmbio entre o mundo interno (*innenwelt*) e o ambiente (*umwelt*), emprestando forma, imagem, às sensações corpóreas, e possibilitando, portanto, a manipulação do escoamento libidinal. Ela coloca o organismo em relação com sua realidade. Captura a forma humana e depois se reveste dessa forma, se *identifica* (Lacan, 1956-1957/1995). Está, portanto, na origem da relação com o mundo, da experiência de exterioridade, de alteridade, posto que a imagem assumida como própria vem inevitavelmente de outro, vem de fora. O que, dialeticamente, revela a experiência inevitavelmente alienante da identidade humana. (Lacan, 1966/1998; Roudinesco & Plon, 1997/1998)

Lacan (1953-1954/1979) associa a *identificação primária* à propriedade de representação dos objetos no aparelho psíquico. Por estar posicionada dentro do espectro do *estádio do espelho*, cujo predomínio da atividade psíquica está submetido ao âmbito do registro do *imaginário*, ele a denomina também por *identificação imaginária*.

Sabemos como as pessoas e as coisas do meio do neurótico mudam inteiramente de valor, e isso em relação a uma função que nada impede ele designar - sem procurar para além do uso comum da linguagem - como imaginária. Imaginária reenvia aqui - primeiramente, à relação do sujeito com as suas identificações formadoras, é o sentido pleno do termo imagem em análise - em segundo lugar, à relação do sujeito ao real, cuja característica é ser ilusória, é a face da função imaginária mais frequentemente valorizada. (p. 138)

Temos então que todo esse jogo de antecipação maturacional experimentado durante o *estádio do espelho* ocasiona na formação, na estruturação da instância do *eu*, por intermédio da *identificação* com o semelhante. Essa operação identificatória aparece num segundo tempo dessa trama: após a formação da imagem especular, e antes da assunção da

função de sujeito, operada pela linguagem (Lacan 1966/1998). A descrição desse processo está bem esclarecida nas palavras do ilustre psicanalista francês:

O que chamei de estágio do espelho tem o interesse de manifestar o dinamismo afetivo pelo qual o sujeito se identifica primordialmente com a Gestalt visual de seu próprio corpo: ela é, em relação à descoordenação ainda muito profunda de sua própria motricidade, uma unidade ideal, uma imago salutar; é valorizada por todo o desamparo original, ligado à discordância intra-orgânica e relacional do filhote do homem durante os primeiros seis meses de vida, nos quais ele traz os sinais, neurológicos e humorais, de uma prematuração natal fisiológica. (Lacan, pp. 115-116)

Podemos extrair dessas observações que nos primórdios da experiência de estruturação do *eu* o mecanismo da *identificação* possibilita a relação com o outro pelo pressuposto do assemelhamento. Esse semelhante autossuficiente a cuja imagem o bebê se refere no engodo especular são, dizendo de modo claro, os pais, as figuras dos cuidadores. Com a adentrada na linguagem, nos domínios do simbólico, passa-se efetivamente às relações com os objetos parentais e às *identificações edípicas*. A mãe, que proporciona as primeiras experiências de satisfação sexual, e o pai, que intervém como um terceiro elemento, como interdição nessa relação dual prazerosa, instaurando a *Lei*, serão modelos mentais inconscientes que se preservarão por toda vida da pessoa. Os complexos associativos formados a partir dessas *imagos* ajudarão a explicar a instituição familiar, por exemplo, com seus papéis sustentados nessa conjunção entre os laços imaginários e as determinações culturais. Auxiliarão também a entendermos a volubilidade da experiência de se *identificar* com outras pessoas ao longo da vida. Freud (1921/1996) disse a esse respeito o seguinte: “(...) um sentimento afetuoso, onde quer que o encontramos constitui um sucessor de uma

vinculação de objeto completamente ‘sensual’ com a pessoa em pauta ou, antes com o protótipo (ou Imago) dessa pessoa”. (pp. 140-141).

Um aspecto importante a se ressaltar nessa descrição da *identificação* como partícipe da formação do *eu* em Lacan é a transição do mecanismo do registro do *imaginário* para o registro do *simbólico*. E se temos a *imago* e a *relação dual* configurando a *identificação imaginária*, temos o *significante* e o triângulo *edipiano* formatando a *identificação simbólica*. Podemos reconhecer aí um desencadeamento de fatores que levam da formação do *eu* a fenômenos de caráter mais social. Para entendermos melhor o auxílio que os registros psíquicos lacanianos prestam à teoria da identificação, tracemos um breve exemplo: Nos domínios do imaginário podemos falar sobre a *imago* paterna como precursora do processo identificatório que culminará na resolução do *complexo de Édipo*, cuja trama, por sua vez, está dentro de uma teia conceitual mapeada pelo registro simbólico, que fundamenta a análise da relação humana com o significante da autoridade, com a interdição, a *Lei*. (Lacan, 1953-1954/1979; Lacan 1966/1998)

Não sendo a nossa proposta adentrarmos na complexa teoria dos três registros (além dos dois citados, há o *real*) de Lacan, é importante ressaltar o avanço que ela representa na leitura do nosso objeto de estudo, posto que mesmo quando não fazemos menção aos termos *imaginário* e *simbólico* há uma implicação tácita em nosso fio discursivo sempre que usamos termos como *imago* e *significante*, por exemplo.

Retomando ao ponto que nossa pesquisa nos havia encaminhado, tratemos agora a respeito do herdeiro do complexo de *Édipo*: o *supereu*. (Freud, 1923/1996)

3.4 Complexo de Édipo, supereu, autoridade paterna

A *identificação edipiana*, como já vimos, empresta seu modelo de incorporação da descrição da *fase oral* do desenvolvimento psicosssexual. Isso faz com que ela remeta às formulações de Freud em *Totem e Tabu* (1913[1912-1913]/1996), em específico à encenação da devoração do pai por meio do ato da refeição totêmica. O animal sagrado, convertido em totem, elevado a *status* sagrado pelo clã como consequência da culpa pelo assassinato do pai, se tornava, como resultado de uma *identificação*, o sucedâneo dele. Comê-lo, portanto, era um ato simbólico de ingestão do pai da horda primeva, cujo cadáver também foi ingerido pelos filhos assassinos.

É por referência a esse mecanismo canibal que se tem também a nomenclatura *identificação totêmica* como variação da *identificação primária*. (Florence, 1978/2021) O que nos interessa em nosso estudo, contudo, é a ambivalência desse processo de incorporação do objeto (já que ele é aniquilado ao mesmo tempo que é assimilado pela ingestão) e a *imago paterna* a que ele se liga. Para entender um pouco melhor primeiramente essa ambivalência afetiva da *identificação edipiana* retomaremos à trama do *complexo de Édipo* sucintamente.

Antecipemos, porém, que não pretendemos fazer uma leitura exaustiva do já tão conhecido *complexo de Édipo* freudiano. Mantendo-nos no escopo de nossa pesquisa, basta que entendamos as relações da *identificação* com aspectos relacionados à trama edípica, entendendo quais efeitos isso pode ter no indivíduo.

Primeiro tenhamos em mente que Freud nos diz que a *identificação primária*, essa *identificação* com a *imago* paterna, é ambivalente desde o início, “(...) pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo de afastamento de alguém” (Freud, 1921/1996, p. 109). Tal característica está associada ao modelo oral-sádico de relação objetal ao qual nos remetemos anteriormente. À medida que o menino desenvolve, e tem desejos sexuais cada vez mais intensos por sua mãe, seu pai se torna fatalmente um rival e sobre ele recairá uma forte inclinação de hostilidade. Tudo seria melhor se ele saísse de cena,

exatamente como acontece com o pai primevo. A resolução diante de tal impasse se dá como na analogia da horda primitiva. O menino, assombrado pela ameaça da castração, identifica-se com seu pai, erigindo dentro de seu *eu* a lei da proibição do incesto, que, em última instância, se torna o protótipo de todas as interdições.

Essa autoridade paterna introjetada no *eu*, como já vimos, forma ali o núcleo do *supereu*. A criança renuncia à sua satisfação pulsional objetal, voltando a libido para si mesmo, enquanto objeto narcísico vicário dos pais, ou cuidadores, abandonados. A operação pode ser sintetizada da seguinte forma: “As tendências libidinais são dessexualizadas pela identificação, que toma o lugar da escolha objetal” (Celes, 2007, p.344).

Tal operação de transformação da libido do objeto em libido narcísica nos investimentos objetais das figuras paterna e materna libera, por assim dizer, o caminho para uma relação dessexualizada com os pais reais. Teríamos a partir daí, portanto, as *imagos* paternas incorporadas ao *eu*, sobre as quais uma relação libinal narcísica persiste, coexistindo com a relação afetuosa, de carinho, típica das relações socialmente aceitas entre pais e filhos.

Como já dito anteriormente, o *supereu* é a instância herdeira da *identificação edipiana*. Sua consolidação como estrutura que remete à figura parental seguirá como protótipo psíquico da austeridade, das interdições, das proibições. Sua função na socialização do ser humano é notável, porém, ele também revela que a formação do que se tem posteriormente por íntimo, por característica própria é inicialmente alheia, vem de outro lugar. É disso, portanto que se trata a afirmação de Lacan de que o inconsciente é o discurso do outro, dessas “vozes”, cadeias associativas que ecoam no indivíduo. O discurso do outro, diz Lacan (1955/2000, p.118), é “o discurso do meu pai, por exemplo, na medida em que meu pai cometeu faltas as quais estou absolutamente condenado a reproduzir - é o que se denomina super-ego”.

Esse discurso alienante formador do *eu*, somado às renúncias de prazer transmutadas em sentenças de ordem no *supereu*, fazem com que o homem, cujas reminiscências desses processos engendrados no desenvolvimento psicosssexual permanecem a nível inconsciente, experiencie essa percepção de ser servo de si mesmo, de ser habitado por mais de um. As grandes mentes da literatura sempre nos fornecem as melhores analogias para tornar essas teorizações mais claras:

Faz-me então voltar à nativa bruteza dos meus — disse o homem. — Prefiro a inconsciência rude do orango, a essa inteligência que, iluminando-me a vida, me faz dela um ergástulo, e onde não poderei fazer um passo, bom ou mau que seja, sem que este tribunal interior, incorruptível e soberano, me detenha se vou com pressa, ou bruscamente me acorde se adormeci, para me julgar do que eu fizer e para me castigar a toda a hora. (d'Almeida, 1881/1971)

Reflitamos no quão permeável é a instância do *supereu*, haja vista que sua estrutura arcaica, cujo modelo, nunca é demais lembrar, é a *imago* paterna, é superposta ao longo do desenvolvimento de uma pessoa por diversas figuras que compartilhem com ela de traços associativos. No plano social o Deus-pai do cristianismo, o patrono da nação, o chefe, são algumas das encarnações desse modelo.

As *imagos* que transportam o traço fundador da lei paterna, ou seja, as distribuições dessa função pelo corpo social são, enfatizemos, históricas. Como tal, elas estão sujeitas às mudanças pelas quais a sociedade passa. Bauman (2003/2020) aponta que a figura do líder, que no contexto do capitalismo pesado, encarnava o discurso de autoridade, com a consensual presunção de que ele saberia os meios certos para se chegar aos fins corretos; no capitalismo leve, situado na contemporaneidade (período que Bauman chama de

modernidade líquida), se desdobram em inúmeras autoridades, cujo discurso não é de ordenação, mas de sedução.

Estando dentro de uma lógica socioeconômica que preza pelo individualismo e pela multiplicidade das opções de escolha sobre o que fazer de si próprio, o discurso de autoridade se coloca à disposição do consumidor, numa relação de convencimento. Esse papel é exercido pelos conselheiros, cuja autoridade não é mais medida pela suposição a um saber incontestável de que se é portador, mas pela quantidade de seguidores que consegue engajar.

Essa dispersão, ou poderíamos dizer, diminuição da autoridade como operador primordial da sociedade, nos remete ao que Lacan (1966/1998) chamou de “declínio social da imago paterna” (pp. 66-67). Quer dizer, houve uma baixa dessa função de mediação entre o espaço privado, a trama edípica na configuração familiar, e o espaço público, que a lei paterna incorporada pela *identificação* proporcionava. O psicanalista francês associou, então, esse declínio ao aumento da neurose na sociedade, por medidas compensatórias sintomáticas que tentariam dar conta dessa debilidade da *imago* paterna do social. Fenômenos como o *religious blooming*¹⁰ e a persistência do autoritarismo como prática política, mesmo que sob novas formas de administração estatal¹¹, parecem incorrer nessa lógica compensatória na atualidade.

Pensemos, ainda, no que esse complexo paterno, que na metáfora freudiana do *Édipo* é elemento primordial dessa configuração de passagem da ordem da natureza para a ordem da cultura, com sua encarnação simbólica da *Lei*, da interdição do incesto; consideremos não mais sua diminuição de sua função na ordem do simbólico como reguladora dos laços sociais, mas seu desaparecimento, sua *forclusão* dessa ordem.

10 Cf. Diotallevi, L. (2019). *Il paradosso di papa Francesco: la secolarizzazione tra boom religioso e crisi del Cristianesimo*. Rubbettino.

11 Cf. Agamben, Giorgio (2004). *Estado de exceção*. Boitempo.

Intercalamos nosso raciocínio com a observação de Lacan (1961-1962/2003) a respeito da função do *Nome do pai* que põe em xeque as duas posições argumentativas que apresentamos.

(...) a ordem de função que introduzimos com o *Nome do pai* é essa alguma coisa que, ao mesmo tempo, tem seu valor universal, mas que remete a você, ao outro, o encargo de controlar se há um pai ou não dessa natureza. (p. 128)

Estando, portanto, essa função paterna fora da possibilidade de simbolização, o que se tem, é uma estrutura psicótica, um funcionamento psíquico não regulamentado pela *Lei* incorporada, pela sombra do *ideal do eu* (Lacan, 1955-1956/1985a). A leitura psicanalítica contemporânea referente à forclusão do *Nome do Pai* ainda considera essa correlação entre o desaparecimento dessa função nos quadros psicóticos atuais. A *identificação*, como já destacamos, é um conceito-chave dessa leitura. (Brousse, 2008; Lustoza & Calazans, 2010; Lebrun, 2004)

CAPÍTULO 4

Identificação regressiva (*traço unário*)

4.1 Descrição

A *identificação regressiva* pressupõe um processo realizado em dois tempos, em duas operações psíquicas distintas. Freud (1921/1996) a descreve como sendo típica da formação de um sintoma neurótico, esquematizando essa operação dupla do processo da seguinte forma: “a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e (...) a escolha de objeto regrediu para a identificação” (p. 110). Ou seja, o investimento objetal é efetuado por intermédio de uma *identificação* com um traço do objeto. No lugar da escolha de objeto, por meio da regressão, se retorna a uma relação de *identificação narcísica*, em que o *eu* incorpora esse traço do objeto abandonado. Estamos aqui, portanto, em uma fase em que há plena relação objetal, sendo que a modalidade do “ter”, característica dessa relação, precisará passar por uma regressão para se chegar ao “ser” assumido pela *identificação*.

Esses aspectos delineadores da *identificação regressiva* decorrem da especificidade mental em que a formação de sintoma ocorre, ou seja, com predominância da atividade inconsciente e do mecanismo da repressão. Estamos falando aqui de um *eu* plenamente desenvolvido, socializado, submetido às restrições do *supereu* e às pulsões libidinais do *isso*, de modo que sua relação com os objetos investidos sexualmente passa por complexas negociações, quando da colocação ou retirada de libido deles. Isso explica outra característica da *identificação regressiva*: sua parcialidade.

Diferentemente da *identificação primária*, em que a incorporação daquilo que teoricamente ainda nem é objeto, portanto, da *imago*, pressupõe uma transmutação totalizante no *eu*, e da *identificação edipiana* que altera o *eu* instaurando nele uma nova estrutura, o

supereu; a *identificação regressiva* se dá pela assimilação a um traço apenas da pessoa investida em relação objetal. Essa pessoa, lembremos da ambivalência revelada no *complexo de Édipo*, pode ser tanto aquela que é amada, quanto a que é odiada.

Resumindo, temos que a *identificação regressiva* diz respeito, portanto, ao mecanismo pelo qual o *eu* copia ou a pessoa que lhe suscita hostilidade, ou aquela por quem tem uma inclinação amorosa. Ela se dá em um processo regressivo (a escolha objetal retroage para a *identificação*) e parcial (apenas um traço da pessoa amada, ou odiada, é assimilado).

E foi justamente sobre esse último aspecto, o traço unário (*einzigster Zug*), que Lacan (1961-1962/2003) se debruçou em seu seminário sobre a *identificação*. Suas formulações acabaram por elaborar uma teoria psicanalítica do sujeito, primordial para entendermos as relações entre o ser humano e seu desejo. Para explorarmos um pouco mais tais teorizações passaremos primeiro pela noção de *significante*.

4.2 Significante, discurso do inconsciente

Nossa incidência pelo conceito de *significante*, antecipo, será breve, e visará unicamente subsidiar a análise da *identificação* ao *traço unário*.

Lacan, emprestou da linguística estrutural o termo *significante*. Ele o utilizou para dar conta de uma teoria do sujeito do inconsciente, cuja marca indelével é seu atravessamento pela linguagem. Ora, o discurso dos sonhos, que funda e fundamenta a psicanálise, revela uma outra ordem de coisas não manipulável pelas ferramentas do conhecimento produzidas até então. Roudinesco (1972/2022) nos diz o seguinte:

Pela primeira vez, Freud abre o campo do inconsciente ao conhecimento, dando-lhe um estatuto teórico. Ao deixar o sonho e o desejo dizerem, ele obriga todo discurso a

fundar-se em seu “delírio”, a deslocar os limites de uma razão razoável [raison raisonnante]. (p. 2)

A linguagem do inconsciente que o sonho desvela, no entanto, não é totalmente assimilável. Sua revelação, pelo trabalho da interpretação, não revela necessariamente sua realidade, senão seu sentido pelas vias do desejo. O conteúdo manifesto não é rigorosamente a tradução do conteúdo latente, Freud (1900/1996) já precavia.

A noção-mestre, digamos, com que o pai da psicanálise manejou essa linguagem do inconsciente foi a de *representação*. Com ela era possível entender as aproximações simbólicas, as distorções, as oposições, contradições, deslocamentos, condensações. Lacan (1966/1998), entendendo que a matéria-prima do inconsciente é a linguagem, envereda-se por esse campo do saber para dali extrair seus conceitos e dar uma nova roupagem à psicanálise em seu projeto de retorno a Freud. Sua famosa máxima de que o “inconsciente é estruturado como uma linguagem” (p. 882) deu o tom de sua empreitada.

Saussure (1916/2008), ao inaugurar a campo da linguística, já demonstrava que a língua é social. O inconsciente, efeito da linguagem, é, como tal, um produto do social. Ele nasce das trocas sociais e participa delas, mesmo que a pessoa não esteja ciente das operações engendradas por ele.

O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma. (Lacan, 1966/1998 p. 813)

As trocas a que os sujeitos falantes se engajam, dizia Saussure, são mediadas pelo signo, cuja arbitrariedade foi explicitada pela constatação de que suas duas unidades, o *significado* e o *significante*, não guardam nenhuma relação motivada entre si. Um signo, portanto, só adquire seu valor enquanto tal a partir de seu estabelecimento em um grupo linguístico. Partindo dessa ideia, Lacan (1957-1958/1999) toma o *significante* como a parte primordial da “fala” do inconsciente. É por intermédio de cadeias associativa de significantes que temos suas formações: os sintomas, os sonhos, os chistes, os atos falhos e as lembranças encobridoras. (Lacan 1966/1998; Lacan 1955/2000)

Stenner (2004) chama atenção para o fato de o *significante* ser uma diferença que se apoia na função da unidade. Função esta que é entendida não no sentido de unificação, mas de unicidade, é o UM, aquilo que faz referência a um traço de distinção pura. A definição sucinta de *significante* encontrada em Žižek (2010, p. 28) esclarece bem essas informações. Ele diz que este “(...) não é simplesmente o aspecto material de um signo (em contraposição a “significado”, seu sentido), mas um traço, uma marca, que representa o sujeito. Sou o que sou através de *significantes* que me representam, *significantes* constituem minha identidade simbólica”.

Neste ponto chegamos, portanto, à ideia do *traço unário* e sua relação com a *identificação regressiva*.

4.3 Traço unário, enigma do desejo

Na série televisiva *Transparent* (Soloway & Sperling, 2014-2018), temos em um dos episódios uma sequência de eventos narrativos cuja trama vale mencionar a título de analogia aqui.

O personagem Joshua (interpretado por Jay Duplass), que descobrira há pouco tempo que seu pai, Mort (Jeffrey Tambor), havia assumido a identidade de mulher transexual, passando a se chamar Maura, tem um encontro com uma mulher por quem ele tem forte atração sexual. Joshua é um conquistador, vive às voltas com várias mulheres, utilizando constantemente de seu charme para seduzi-las. No encontro tudo ia bem. Porém, quando o casal inicia as preliminares da relação de coito sexual, ele se defronta com um episódio de disfunção erétil. Consternado, Joshua, após proferir a fatídica frase “isso nunca aconteceu comigo antes”, associa sua “impotência” à descoberta da transsexualidade do pai, temendo, inclusive que “nunca mais consiga subir!”.

Embora a interpretação que ele dá ao episódio seja provavelmente plausível dentro de uma cadeia associativa puramente comportamentista, que traçaria a relação entre o evento estressor e o efeito corporal, a leitura pela lupa da psicanálise empresta outra visão ao infortúnio de Josh. Lembremos do que nos adverte Žižek (2010, p. 37): “Em seu aspecto mais radical, o inconsciente é o fenômeno inacessível, não os mecanismos objetivos que regulam minha experiência fenomênica”.

Prossigamos, então. Um ponto decisivo a se observar na cena acontece durante as preliminares. Josh coloca o quipá sobre a cabeça da mulher, cujo nome é Raquel (Kathryn Hahn), e, à propósito, é rabina. Ela tira, alegando ficar mais atraente sem o objeto. Na sequência Raquel encena um jogo em que ao movimento de colocar o quipá ela adiciona a palavra “atraente”, e ao de retirar os termos “não atraente”, “pouco atraente”, “não muito atraente”. É esse jogo de tirar/colocar, que remete ao coito, mas também à castração, que é o ponto decisivo que culminará no fracasso do antes tão viril Josh. Aqui estamos, portanto, no terreno movediço dos *significantes*. “Masculino”, “feminino”, “castração”, “circuncisão”, “coito”, “virilidade”, tudo se concatenando para desembocar na instauração do sintoma por

uma *identificação*: “Sou como o meu pai/sou uma mulher/não consigo ter o tipo de relação sexual que um homem, portador de um pênis, tem”.

Voltando à descrição de Freud sobre o duplo processo da *identificação regressiva*, temos propriamente a *identificação*, ou seja, a modificação do *eu* tomando como modelo o traço da pessoa com quem há laço emocional, e a regressão da relação libidinal com o objeto para a relação narcísica. Tal configuração nos dá uma dimensão do porquê dessa formulação teórica ter se tornado o paradigma sobre o qual Lacan pode desenvolver suas impressões a respeito do desejo alienado como marca do sujeito psicanalítico.

Ora, regredir a uma relação libidinal narcísica é ensaiar um retorno a um encontro com a origem do *eu*, e se colocar nessa busca incessante sobre o objeto perdido na operação de corte da linguagem, da lei paterna, que fez aparecer o desejo. A *identificação* com o traço põe em xeque essa falta inaugural constitutiva do sujeito do inconsciente. Os *significantes* que pavimentam esse fluxo, nascidos que são também dessa operação, compartilham com o *traço unário* a propriedade de ser constituído por um traço de suporte, por uma experiência de unidade que supõe, em última instância, por oposição a inscrição da diferença fundamental. Stenner (2004) comenta que Lacan percebe:

(...) a identificação ao traço, ao einziger Zug, como o que possibilita a própria cadeia significante ou a instauração do sujeito do inconsciente, sustentando, então, ao ponto não-mítico, a identificação inaugural ao traço como a identificação ao ideal do eu.

Trata-se de um traço único, como diz Lacan, absolutamente despersonalizado. (p. 57)

Essa leitura da *identificação significativa*, ou ao *traço unário*, de Lacan, ao perscrutar uma ontologia do sujeito sob a ótica da psicanálise, reafirma, portanto, a diferença como paradigma originário da condição humana, ou, se preferirmos, da identidade deste ser

falante (Starnino, 2016). A origem do sujeito não está nele mesmo, não há síntese possível dentro dos domínios do ser. Antes, sua marca fundamental, quando da saída da condição análoga à animal, da pura e simples satisfação das necessidades, é a inserção no campo do Outro, da linguagem. (Lacan, 1966/1998; da Costa Neves & Vorcaro, 2011)

A experiência que aqui se revela rompe com a presunção de uma subjetividade que se constitua a partir de uma [auto]experiência fenomenológica. E é nesse sentido que foi preciso que Lacan subvertesse o cogito cartesiano. (Lacan 1966/1998). É importante nos atentarmos, conforme sublinha Dunker (2003), que Lacan recorre à topologia em seu seminário sobre a *identificação* devido à necessidade de traçar teoricamente uma articulação entre imagem (plano especular do *estádio do espelho*) e palavra (*significante*). Entrar no mérito de tal elaboração obviamente extrapolaria os objetivos do nosso estudo.

Não obstante, é fundamental reter a ideia de que a *identificação* opera de modo a reaproveitar o investimento libidinal que foi retirado do objeto no processo de recalçamento. Em uma dinâmica narcisista bem-sucedida, se incorpora o objeto abandonado (ou parte dele) ao *eu*, que é, então, remodelado de acordo com a imagem, ou o traço, desse objeto. (Florence, 1978/2021)

CAPÍTULO 5

Identificação por contágio

5.1 Descrição

O esboço teórico do mecanismo da *identificação* empreendido por Freud em *Psicologia de Grupo e A Análise do Ego* (1921) pode-se dizer que nasce da necessidade de descrever a operação desse processo mental no contexto do estudo da psicologia das *massas*. A categorização realizada, portanto, obedecia a um propósito didático-epistemológico que emprestasse um maior entendimento sobre o processo da *identificação*, cuja importância, visto que explicavam ligações emocionais entre pessoas que obedeciam a outra lógica que não o dos investimentos objetais amorosos, era fundamental dentro da análise em questão. Sendo assim, não é artificioso afirmar que o terceiro tipo de *identificação* motivou a mais completa empreitada teórica do pai da psicanálise sobre o tema.

Freud usa um exemplo para descrever a *identificação por contágio*. Ele utiliza de uma situação hipotética em que jovens estudantes de um internato desenvolvem uma crise histérica após observarem uma colega que foi acometida primeiramente pela mesma crise sob circunstâncias que as primeiras desejariam estar também. A estudante caíra doente por ciúmes, suas amigas, também desejando ter um caso amoroso, identificam-se com o sintoma por ele guardar em sua origem, antes do recalçamento, a emoção do caso de amor.

A *identificação por contágio*, portanto, é um processo que se dá por meio da assunção identificatória com uma qualidade compartilhada com outra(s) pessoa(s). Qualidade

esta que subentende uma satisfação inconsciente do desejo. Esse tipo de *identificação*, conforme Freud (1921/1996, p. 111),

(...) pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço.

Essa dispensa da relação libidinal de objeto faz com que a *identificação por contágio* seja o tipo ideal para explicar os laços emocionais efetuados por pessoas que não tem relações de proximidade umas com as outras, tal como ocorre no fenômeno das *massas*. Tal fenômeno, aliás, despertou grande interesse de intelectuais ao longo do século XIX e da primeira metade do XX. Em sua análise sobre o tema, Freud parte da crítica dos conhecidos trabalhos de LeBon (1920) e McDougall (1920) para chegar a hipóteses originais pela via psicanalítica, que acabam por fornecer subsídios para a leitura não só das *massas*, mas dos agrupamentos humanos de modo geral.

A *identificação por contágio* foi chamada por Lacan de *histérica*, por referência à estrutura clínica da histeria. O histérico procura no outro, ao se *identificar* com ele, o desejo do Outro. Voltemos às personagens da ilustração feita por Freud. As estudantes, inconscientemente, buscavam seu desejo alienado no desejo da histérica enciumada. Desejo este que ela própria desconhecia, posto que deformado pelo sintoma. Dor (1997) descreve esse entrelaçamento do desejo na estrutura histérica da seguinte maneira:

Se, fundamentalmente, o objeto do desejo edipiano, o falo, é aquilo de que o histérico se sente injustamente privado, ele não pode delegar a questão de seu desejo a não ser

àquele que é suposto tê-lo. Neste sentido, o histérico não interroga a dinâmica de seu desejo senão junto ao Outro, que é sempre suposto deter a resposta ao enigma da origem e do processo do desejo em questão. (Dor, 1997, p. 68)

É essa busca do desejo do Outro no outro, nessa relação dual com o semelhante, que motiva a *identificação por contágio*. Um *eu* percebe uma qualidade emocional comum em outro *eu*, que, reforçemos, não é uma pessoa com quem se tem um relação objetal sexual, como ocorre na *identificação regressiva*; e se *identifica* justamente nesse ponto. Essa qualidade comum na perspectiva das *massas* é o laço libidinal com o líder.

Do ponto de vista econômico, podemos esquematizar os tipos de *identificação* da seguinte maneira: a *identificação primária* ocorre na anterioridade a qualquer relação de objeto com a incorporação do outro especularizado assentando as bases para a estrutura do *eu*; a *edipiana* promove a assimilação ao genitor que foi abandonado enquanto objeto sexual; a *regressiva* operacionaliza uma regressão a uma relação objetal narcísica por intermédio da assimilação ao traço do objeto abandonado; e a *identificação por contágio* facilita a colocação do objeto nessa instância que tem aspecto de exterioridade para o *eu* e que possui a característica de ser altamente idealizada, de ser revestida das impressões da perfeição narcísica abandonada na infância: o *ideal do eu*.

Com isso chegamos à fórmula de Freud (1921/1996) sobre os grupos que possuem um líder: “Um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego” (p. 120).

5.2 Massa, grupo, ideal do eu

A distinção entre *ideal do eu* e supereu é problemática na elaboração freudiana. Por vezes tomadas como instâncias distintas, outras, como sinônimas, o fato é que elas compartilham dessa ideia de se originarem da representação parental infantil convertida em auto-observadora moral, em consciência. Poderíamos até forçar uma diferenciação, dizendo que o *supereu* é o *ideal do eu* convertido em estrutura na *segunda tópica*. De toda forma, o que é mais importante no contexto da análise da formação dos grupos é a função do *ideal do eu* de ser essa instância a qual o *eu* se compara, cujo estatuto de perfeição sob o qual é forjada imaginariamente tem como consequência o rebaixamento do *eu*, sua submissão a esse complexo de impressões idealizadas. (Freud, 1915-1916/1996; Freud 1923/1996; Roudinesco & Plon, 1997/1998)

A alusão à função paterna, à sua *imago*, também deve ser tomada em consideração. Afinal de contas o aspecto sobre o qual o líder se apresenta, ou é representado, historicamente remete, digamos, a essa imagem e semelhança. Na consagrada distopia escrita por George Orwell, 1984 (1949/2009), a descrição da aparição do líder totalitarista do Estado da Oceania em uma tela durante uma cerimônia política de tons ritualísticos ilustra muito sagazmente essa incorporação a que o líder remete e seu efeito sobre a *massa* de súditos.

(...) o personagem hostil desapareceu para dar lugar ao rosto do Grande Irmão, cabelo preto, bigode preto, cheio de força e misteriosa calma, e tão imenso que quase enchia a tela inteira. (...) A mulher esguia e ruiva se jogara para frente, apoiando-se no encosto da cadeira diante dela. Com um murmúrio trêmulo que parecia dizer “Meu Salvador!”, estendeu os braços para a tela. Em seguida afundou o rosto nas mãos. Era visível que fazia uma oração. (p. 27)

A *massa*, para Freud, se formava e se mantinha pela colocação do líder no lugar do *ideal do eu*. Os seguidores desenvolviam laços afetivos entre si por compartilharem do mesmo ideal. Esses laços, é preciso enfatizar, são libidinais. Já nos referimos em outras partes de nosso estudo ao fato de a *identificação* incidir sobre objetos dessexualizados, ou seja, objetos sobre os quais as pulsões engajam-se em investimentos inibidos em sua finalidade. É esse o tipo de relação que se estabelece entre os membros de grupo. E aqui há uma importante transição na análise dos fenômenos das *massas*.

Enquanto estudiosos anteriores à Freud haviam se apoiado na categoria da “sugestão” para analisar o laço social das multidões, no estudo do médico vienense a *libido* é que justifica tal fenômeno. Laclau (2003/2013, p. 99) diz que os “(...) laços emocionais que unem um grupo constituem, obviamente, impulsos de amor que foram desviados de seu objetivo original e que, de acordo com Freud, seguirão um padrão muito preciso: o da *identificação*”. A importância que esse aspecto oferece à leitura do comportamento político contemporâneo é, segundo Mouffe (2020), justamente por inserir aí a dimensão do afeto. Ela, inclusive, adverte que, em favor do futuro da democracia, não se deve “ignorar o forte investimento libidinal em ação nas formas nacionais – ou regionais – de identificação e seria muito arriscado abandonar esse terreno para o populismo de direita”. (p. 113)

Entendendo, portanto, que há uma organização libidinal típica nos grupos humanos, ou seja, que o fenômeno obedece a formas de relação entre o *eu* e o objeto, Freud debruça-se sobre a metapsicologia do amor a fim de traçar uma compreensão sobre a problemática em questão.

Ora, a descrição psicanalítica do enamoramento esboça a perfeita analogia da relação entre apaixonado(a) e amado(a) e a de liderado e líder. Em ambos os casos há o rebaixamento do *eu*, que se torna mais modesto, humilde, em relação aos representantes do primeiro grupo da relação. E exaltação, *idealização* quanto aos do segundo grupo. Essa

configuração, que é sintetizada na fórmula elaborada por Freud (1921/1996, p. 117) “*o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego*”, e que descreve o laço libidinal das *massas* com seu líder, não é, no entanto, a única possível.

Há também a formatação em que o *eu* introjeta o objeto em si próprio, numa condição extrema de enamoramento. Como já sabemos, essa configuração remete diretamente à descrição do mecanismo da *identificação*, o que força Freud a esboçar uma distinção entre os dois processos. Ele diz que enquanto que a operação da *identificação* é efetuada segundo o modelo do objeto perdido (*identificação edipiana*), a do enamoramento consiste na manutenção do objeto e no hiper-investimento nele às custas do *eu*. Com isso a análise do laço social das *massas* explica a segunda parte do duplo vínculo dessa estrutura grupal: os membros identificam-se uns com os outros. Encontramos em Laclau (2003/2013, p. 102) uma síntese dessa construção teórica: “A tortuosa e um tanto hesitante elaboração de Freud sobre a distinção entre identificação e enamoramento é aparentemente resolvida numa estrita diferenciação de funções na constituição do laço social: a identificação entre os irmãos e o amor pelo pai”.

Por esse caminho de análise Freud acaba retornando às suas elaborações sobre o clã totêmico enquanto origem do modelo tradicional de família, hoje comumente chamado de nuclear. Chega também a outras possibilidades da descrição de vínculos grupais que diferem dos das *massas*, haja vista a multiplicidade de ajustamentos econômicos entre as operações da *identificação* e da colocação do objeto no lugar do *ideal do eu* e das instâncias do *eu* e do *ideal do eu*. (Freud, 1913[1912-1913]/1996; Freud, 1921/1996)

O líder, ou talvez seja mais correto dizer agora, a liderança, continua a ser elemento central da análise de Freud. Sua dimensão e qualidade, contudo, são relativizadas. Existiria, portanto, a possibilidade de *identificação* direta com o líder, ocasião em que a baixa diferenciação entre *eu* e *ideal do eu* em um indivíduo proporcionaria tal operação; de

colocação de uma ideia ou um desejo compartilhado em seu lugar; e, ainda, de uma terceira hipótese que apresentaremos nas palavras do pai da psicanálise:

O líder ou a idéia dominante poderiam também, por assim dizer, ser negativos; o ódio contra uma determinada pessoa ou instituição poderia funcionar exatamente da mesma maneira unificadora e evocar o mesmo tipo de laços emocionais que a ligação positiva. (1921/1996, p. 105)

Recordemos agora que a *identificação* é descrita como ambivalente desde sua origem, ou seja, que a inscrição desse processo no psiquismo do indivíduo transita desde sempre entre o amor e o ódio. Chegamos aqui, então, a outro importante ponto na leitura, por meio da *identificação*, dos fenômenos sociais identitários contemporâneos. Uma aproximação à ideia de *narcisismo das pequenas diferenças* parece ser necessária.

5.3 Narcisismo das pequenas diferenças, a aversão à diferença

Freud escreve o ensaio *O Mal-estar na Civilização* (1930 [1929]) num contexto de forte tensão social. O partido nazista na Alemanha estava em plena ascensão e o mundo entrava em crise econômica após a queda da bolsa de Nova York, que ocorreu poucos dias antes de Freud entregar o manuscrito ao editor. (Roudinesco & Plon, 1997/1998). Essa perspectiva histórica, apesar de justificar o tema e o tom desolador do texto, não restringem a leitura que ali é feita sobre a agressividade humana e sua incorrigível insatisfação frente as restrições que a vida civilizada lhe impõe ao período de sua análise. Pelo contrário, as reflexões e hipóteses traçadas no ensaio são aplicadas a realidade atual de maneira lamentavelmente análoga.

Como vimos, o caminho para a análise da agressividade inter e intragrupal já havia sido pavimentado em *Psicologia de Grupo e A Análise do Ego* (1921/1996).

Observemos a seguinte citação:

As provas da psicanálise demonstram que quase toda a relação emocional íntima entre duas pessoas que perdura por certo tempo – casamento, amizade, as relações entre pais e filhos – contém um sedimento de sentimentos de aversão e hostilidade, o qual só escapa à percepção em consequência da repressão. (Freud, 1921/1996, p. 106).

A identificação pode funcionar como um mecanismo privilegiado na facilitação da transformação de um afeto hostil em um de tonalidade positiva. Freud (1921/1996) fornece como exemplo a transformação da inveja em sentimento de justiça social. A demanda por direitos iguais teria, então, em sua origem a reivindicação de que o outro também seja despojado daquilo que me falta.

Há, portanto, no âmago dessa leitura metapsicológica a revelação da fragilidade dos laços humanos, ou antes ainda, de sua implosão latente. O que se desenha aqui são configurações em que os grupos, para permanecerem coesos, precisem recorrer a formas de descarregar essas pulsões de agressividade. Recorramos agora a Birman (1994, p. 133) para entender como a psicanálise tratou desse problema. Ele diz que:

(...) o discurso freudiano destaca como o narcisismo das pequenas diferenças transcende o campo da individualidade e se inscreve no campo das diversidades inter-humanas: família, grupos sociais, segmentos sociais, classes sociais e estados. Seria pela oposição das unidades da mesma espécie entre si que se constituiria e

reproduziria a própria identidade das unidades no campo do confronto, marcando cada uma delas sua diferença para com as demais, numa guerra permanente de posições.

Foi para traçar uma explicação sobre a agressividade, a violência, a subjugação que o homem é capaz de perpetuar dentro de sua própria espécie que a ideia de *narcisismo das pequenas diferenças* foi inserida na literatura psicanalítica. O gerenciamento da economia narcísica do grupo por meio do escoamento dos afetos hostis em direção a um objeto externo desenha um quadro de organização política da sociedade em que a criação de inimigos é condição da união aos agrupamentos identitários. (Freud, 1930 [1929]/1996)

Laclau (2003/2013) defende em sua análise sobre as identidades formadas a partir dos discursos políticos, tomando o saber construído a respeito do *populismo* como referencial, que uma suposta unidade que constitui uma categoria identitária, como a de “povo”, por exemplo, só existe a partir da exclusão de um elemento que pertence originalmente a essa operação que forja uma pretensa homogeneização em uma unidade total. As identidades populares são, portanto, diferenciais, elas operam segundo articulações lógicas de equivalência e diferença.

Nesse caso, mesmo que se tenha um objeto para o ódio compartilhado do grupo, possibilitando assim a mútua *identificação* entre seus membros, isso não resolveria o problema da unidade identitária. Posto que a rejeição comum ao elemento desprezado cria uma equivalência entre os que o rejeitam, uma nova operação de diferenciação se torna necessária para que se chegue novamente à homogeneidade pretendida, pondo em curso um *loop*.

Tal leitura nos remete à análise dos fenômenos de assimilação e exclusão a que a era atual se vê confrontada efetuada por Landowiski (2012). Ele observa que ambos os processos são duas faces da mesma forma de se processar a alteridade em uma determinada

sociedade. A heterogeneidade, a diferença, é produzida socialmente e semioticamente justamente pelo grupo que pretende se manter homogêneo.

A análise, portanto, dos sentimentos narcísicos no contexto grupal vai revelar ao pai da psicanálise, como pontuam Pereira e Ferrari (2016), que eles funcionam como “efeitos da preservação de si mesmo e da ameaça de alteração do que lhe é próprio”. A consequência de tal fenômeno é a aversão, o horror à diferença, visto que esta representa uma ameaça à coesão do grupo.

Birman (2021) analisa algumas modalidades de violência no Brasil contemporâneo, tal como se expressam em espaços sociais como os dos jogos de futebol, das instituições prisionais e das manifestações políticas. Ele conclui que o furor evidenciado nesses espaços resulta da fragilidade do Estado em representar, simbólica e politicamente, a Nação. O que ocorreria a nível econômico é que sujeito, por meio de uma regressão do registro do *ideal do eu* ao registro psíquico do *eu ideal*, passaria a atuar em uma lógica antissocial em que todo tipo de prática de crueldade ao outro seria passível de manifestação. Relembremos que Freud (1921/1996, p. 197) diz que o “(...) amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos”. Sendo assim, um funcionamento regredido ao desfrute narcísico anterior à noção de alteridade e à simbolização da lei paterna, tal como supõe o investimento no *eu ideal*, implica em nefastas consequências sociais.

Outras leituras sobre o mesmo tema trazem importantes recortes que levam em consideração as relações sociais decorrentes do modelo econômico capitalista. Dunker (2016) aponta para o fato de que a ascensão de políticas baseadas em identidade na contemporaneidade reveste os nossos tempos com uma nuvem de pressentimentos fatalistas. A isso se deve as combinatórias de ódio, idealização, ressentimento, vingança, que tais políticas incitam. O psicanalista brasileiro ainda afirma o seguinte (p. 5): “(...) a propriedade

mais fascinante e fetichista que pode haver na era do capitalismo imaterial: a própria identidade”.

Seguindo essa linha crítica da sociedade capitalista, Pereira e Ferrari (2016) inserem uma das principais características desse modelo socioeconômico em sua análise, que é o consumo. Eles afirmam que “o que faz nossa cultura ser marcada pela segregação é o fato de o discurso do capitalista e o discurso da ciência tenderem a universalizar, através do engodo, que todos têm o mesmo acesso ao gozo (...)” (p. 208).

O que se depreende desse ponto a que o estudo da *identificação* tal como elaborada pela psicanálise nos levou é que a hostilidade frente ao diferente é uma marca dos agrupamentos humanos, é um fenômeno que persiste ao longo de toda história humana. Freud engaja-se em sua análise por que ocorria em sua época, mas também por que seu rastro estava por toda a história humanidade que se tem registro. Ressalvando as motivações políticas, cada um dos confrontos listados a seguir foi motivado pela justificativa da diferença, do não pertencimento ao grupo: a guerra dos Balcãs, o conflito interminável entre Israel e Palestina, as duas guerras mundiais (com a segunda culminando no genocídio de judeus e se inscrevendo como marca brutal e inesquecível do fenômeno da intolerância).

Tal dificuldade de relação com o outro diferente está ainda muito viva na sociedade e, quando não demonstra sua violência de forma ostensiva por vias físicas, aparece, camuflada ou explícita, nas postagens em redes sociais, nos chistes, nos ditos populares. Só no ano de 2017 foram registrados nos Estados Unidos 7.175 crimes classificados como “de ódio” (de acordo com a definição do FBI: “ofensa criminal contra uma pessoa ou propriedade motivada, no todo ou em parte, por um preconceito contra uma raça, religião, deficiência, orientação sexual, etnia, gênero ou identidade de gênero). Um aumento de 17% em relação ao ano anterior. No Reino Unido, um relatório de 2017 mostra que o crescimento desse tipo de crime foi de 100% em cinco anos. No Brasil, de acordo com dados do Ministério Público

Federal (MPF), no ano de 2018 houve um aumento de 29,2% dos crimes cibernéticos de ódio em relação ao ano anterior. Este último dado se mostra sintomático, na medida em que revela o ódio ao outro num plano menos evidente do que o da ofensa física propriamente dita, mas que, nem por isso, deixou de ser pronunciado. Tal cota de hostilidade, que só foi explicitada por se achar protegida por um ambiente virtual, parece exercer uma força de expressão difícil de conter. (“Crimes Cibernéticos”, 2017; FBI, 2018)

Aqui é difícil não nos remetermos a *thanatos* e à reformulação a que Freud se viu obrigado a efetuar em sua teoria das pulsões. O mal-estar contemporâneo ainda decorre, em última análise, do conflito entre as *pulsões de vida* e as *pulsões de morte*. Antes de prosseguirmos em nossa análise, devemos, contudo, fazer uma importante ressalva quanto à aplicabilidade do conceito de *narcisismo das pequenas diferenças*.

O termo pensado por Freud auxilia na exemplificação da desintegração de classes identitárias provocadas pela agressividade constitucional humana. Se aplicado a fenômenos de amplas repercussões histórico-sociais, como o do racismo, por exemplo, deve ser manejado com muito cuidado, contudo. Cuidado aqui entendido enquanto o compromisso ético do pesquisador em observar as dimensões do fenômeno estudado, de modo que não se incorra em uma simplificação excessiva, que despojaria o debate do tema de suas dimensões multicausais, tendo, por conseguinte, efeitos sociopolíticos potencialmente nocivos.

A validade do conceito, no sentido de fornecer uma leitura que condensa ideias como as de *pulsão de morte*, *agressividade*, *hostilidade* em torno de uma descrição da economia psíquica dos afetos destrutivos mesmo entre grupos supostamente unitários, considerando-se uma categoria identitária como a étnica, por exemplo (lembremos do exemplo de Freud (1921/1996, p. 106): “(...) o alemão do sul não pode suportar o alemão setentrional, o inglês lança todo tipo de calúnias sobre o escocês [...]”), é nítida e indubitavelmente atual. O que se precisa estar atento, deixemos claro, diz respeito às

armadilhas que a nomenclatura do conceito podem suscitar. Se pegamos, tateando novamente em torno do exemplo citado no parágrafo anterior, um fenômeno como o da segregação e fizemos sua leitura pela ótica do *narcisismo das pequenas diferenças*, não devemos deixar de levar em consideração as proporções que as divisões entre os grupos humanos assumiram ao longo da história e como elas foram operacionalizadas na sustentação dos laços sociais. (Darriba, Brunhari & Pereira 2021; Pereira & Ferrari, 2016)

Feita essa importante consideração, voltemos à nossa análise.

5.4 Thanatos, compulsão à repetição

Já nos referimos em outro ponto de nossa pesquisa ao fato de o *supereu* ser originado a partir de uma *identificação* com o pai da pré-história da criança. Mencionamos, então, que essa *identificação* incide sobre investimentos abandonados pelo *isso*, assimilando-os ao *eu* em formação ao mesmo tempo que esboça o *supereu*. A relação entre *supereu* e *eu* já foi bastante mencionada em nossas explanações. Vimos como a análise da dinâmica entre essas duas estruturas explica as regulamentações morais da sociedade, o sentimento de culpa e a inclinação ou afastamento às representações de autoridade. (Freud, 1923/1996) Existe, porém, a relação entre *supereu* e *isso* sobre a qual ainda não nos detivemos com maior diligência.

Embora Freud (1921/1996) mencione a afinidade entre o *supereu* e o *isso* em boa parte das suas considerações acerca da segunda tópica, foi somente com as elaborações referentes à pulsão de morte em *Além do princípio do prazer* (1920a/1996) que ele pode descrever com mais clareza os efeitos dessa relação. A ideia de *compulsão à repetição*, oriunda do funcionamento arcaico do psiquismo infantil, associada a uma pulsão cujo objetivo é o aniquilamento da atividade orgânica, forneceu elementos para a explicação da

face carrasca do *supereu*, cuja intolerância e austeridade com que subjuga o *eu* exigia um exame mais detalhado. Pena, Moreira e Guerra (2020) sintetizam essa bipolaridade constitucional do *supereu*: “A instância moral representa a identificação com as figuras de outro, mas também é a internalização residual dos investimentos objetivos abandonados. O *supereu* tem íntima relação com o isso, pois conhece de perto suas escolhas objetivos proibidas” (p.44)

Essa ultrapassagem dos limites do *princípio do prazer*, essa outra ordem de desfrute que a *pulsão de morte* revela, encontra um refinamento teórico nas postulações de Lacan sobre o *gozo*. Para adentrarmos nessa discussão é necessário que nos voltemos novamente ao cenário do *Édipo*, mais especificamente à relação entre demanda e desejo constituída em sua configuração.

(...) o que o gênio de Freud nos assegura originalmente quanto à função do desejo, aquilo de que ele partiu ao dar os seus primeiros passos, (...) é o seguinte: que o desejo é fundamentalmente, radicalmente estruturado por esse nó que se chama Édipo, e de onde é impossível eliminar esse nó interno (...) [que] é essencialmente o seguinte: uma relação entre uma demanda que toma um valor tão privilegiado que se torna o comando absoluto, a lei, e um desejo que é o desejo do Outro, do Outro de que se trata, no Édipo. (Lacan, 1961-1963/2003, p. 206)

A esse desejo alienado fundado no *complexo de Édipo* já nos referimos em nossas investigações concernentes à *identificações primária e edipiana*. Agora nossa pesquisa nos leva à sua contrapartida. A demanda é produto da resposta que o outro dá à necessidade da criança. O bebê procura leite para saciar a fome, sua mãe, como sujeito já

estruturado pelo desejo conforme os efeitos da linguagem, lhe dá mais do que isso. Ela qualifica a o gesto do filho com uma intencionalidade, pondo em curso uma busca por essa outra coisa que foi oferecida. Essa passagem da relação puramente biológica de satisfação instintiva para a pulsional do desejo inscreve nesse registro *imaginário* arcaico do sujeito um gozo inalcançável, perdido da transição do desfrute orgânico da sucção do leite para o prazer alucinatório do chuchar, que se buscará compulsoriamente nos domínios do Outro. O *gozo*, portanto, anseia pelo inatingível, por isso ele é insaciável. Em sua busca por essa coisa perdida, o *gozo* insere no desejo humano uma voracidade irrefreável cuja consequência última de sua ação é o desfacelamento, a destruição. (Roudinesco & Plon, 1997/1998; Lacan, 1959-1960/2008a)

Com o *gozo* de Lacan retornamos então às considerações de Freud a respeito da *compulsão à repetição* e da *pulsão de morte*. Falta entender como essa discussão se liga à *identificação*. Ora, o elo que conectará esse mecanismo às ideias debatidas é o *supereu*. Lacan (1966/1998) afirma que o *gozo* é sustentado por uma ordem que é dada ao sujeito. A única instância psíquica portadora dessa prerrogativa de ordenação, diz ele, é o *supereu*. (Lacan, 1972-1973/1985b) Isso porque, como já destacamos anteriormente, em sua origem estão *identificações* que substituíram objetos abandonados pelo *isso*. Sua constituição guarda o traço da inauguração da falta primordial a que se aferra o desejo, de modo que ele se torna o portador do imperativo de *gozo* que irrompe no sujeito.

O videoclipe da música Rock DJ (Youtube, 2011) do cantor inglês Robbie Williams apresenta uma narrativa que pode nos ajudar a traçar uma alegoria interessante do ponto que estamos em nossa análise. Nele o artista está cantando rodeado de belas mulheres que patinam em torno dele. Ele canta, dança, se insinua, elas, porém, não lhe dão atenção, quando muito o esnobam desviando o olhar. Insistente em seduzir os olhares daquelas mulheres para si ele começa a tirar a roupa. Quando fica completamente nu consegue a

atenção de algumas delas. Nesse ponto, porém, isso já não parecia bastar. Williams passa então a arrancar a própria pele, expondo seu tecido muscular, em seguida descarnando-o, até ficar somente seu esqueleto. Robbie Williams (ou mais apropriadamente, sua personagem no videoclipe), ao final, dança em sua versão esqueleto com a DJ, uma das mulheres que o rodeiam, e que é protagonista dentre elas.

O desejo estava identificado no olhar das mulheres que o rodeavam (principalmente da DJ, espécie de condensação das outras). A indiferença de suas posturas frente ao exibicionismo de sua dança desestabilizou-o, frustrando a imagem idealizada de si mesmo, à qual sua performance extática se prestava. Desvinculando-se por fim do jogo simbólico do desejo que a privação da resposta almejada pelo outro fazia ganhar cada vez mais relevância, ele se entrega ao imperativo gozoso do *supereu*. A insuportabilidade de sua exigência em alcançar o impossível, o não-simbolizável objeto da falta primordial, é encenada por essa automutilação progressiva sustentada inicialmente em conformidade com uma *pulsão sádica* que o mantinha em relação com os olhares desejados ao redor, mas que desemboca na destruição completa da carne em seu destino final, que obedece à finalidade da *pulsão de morte*.

A *identificação*, enquanto mecanismo instaurador do *supereu*, é fundamental para o entendimento do comportamento moral humano, já que é por meio dela que se instaura a lei paterna. Ela remete, contudo, à contrapartida dessa operação, ou antes à sua subversão, a um ordenamento de *gozo*, a uma tentativa de violar a interdição socializante metaforizada no *Édipo*. Essa dinâmica sustentada por disposições aparentemente antitéticas quando relacionada ao processo da *compulsão à repetição* e à *pulsão de morte* fornece bases para a leitura dos comportamentos destrutivos humanos. Essa aproximação entre *gozo* e comportamento compulsivo a que nossa análise nos remete é também útil na leitura dos

fenômenos decorrentes do sistema econômico capitalista. (Lacan, 1972/2015; Pereira, da Silva, do Couto & Silva, 2019; Badin & Martinho, 2018)

Na incorporação dos traços de objetos antes investidos pelo *isso* que a operação da *identificação* efetua há um resto não simbolizado que participa da estrutura do *supereu* como falta. O *gozo* responde a essa estruturação arcaica do *supereu*, a impressões situadas no registro do *real*. (Miller, 1981-1984/1996)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrermos uma longa trilha discursiva em que investigamos o conceito da *identificação* na psicanálise freudolacanianana, e evidenciamos as ferramentas que sua análise metapsicológica produzem para a investigação de temas relativos à ideia de identidade na modernidade, nos encontramos na posição de auferirmos algumas conclusões sobre a nossa pesquisa.

Retornando aos três axiomas que propusemos no final do segundo capítulo, podemos enquadrar os resultados de nossa análise numa perspectiva mais clara.

Primeiramente temos então a ligação entre *identificação* e estruturação do *eu*.

O *eu* é, antes de tudo, construído. É por meio da relação com o outro que ele se estrutura. O mecanismo da *identificação* participa de maneira definitiva nessa construção, de maneira que se pode afirmar que o *eu* é um precipitado de *identificações*, haja vista que essas operações funcionam utilizando-se de *imagos* sobre as quais o indivíduo ancora sua identidade (Lacan, 1953-1954/1979; Lacan, 1966/1998). Vimos que a dinâmica em que essas *identificações* formam o *eu* passa necessariamente por uma leitura do *complexo de Édipo* e do *estádio do espelho*. O complexo identificatório resultante da passagem pelo *Édipo* ajuda na compreensão da socialização do indivíduo, da importância assumida pela lei paterna, da orientação sexual, da ambivalência entre o amor e o ódio relacionada a um mesmo objeto, da perda primordial fundadora do desejo. (Freud, 1920a/1996; Freud, 1921/1996, Freud, 1924/1996; Lacan, 1966/1998)

A leitura sobre os processos de *identificação* que incidem sobre as instâncias definidoras da experiência identitária para a psicanálise (*eu, supereu, ideal do eu, isso*) apontam para uma subjetividade cuja marca principal é sua impossibilidade plena. O sujeito da psicanálise sofre os efeitos da primazia dos processos inconscientes em sua constituição e

em sua experiência com o mundo que o rodeia e com si próprio. Com a teoria da *identificação* a origem dessa alienação primordial do indivíduo, de sua clivagem constitutiva, ganha subsídios discursivos sobre os quais se pode estabelecer uma análise fundamentada. (Alves & Pedroza, 2019)

Nosso segundo axioma aponta para a ligação entre *identificação* e desejo. A revisão realizada evidenciou que as primeiras aparições do conceito na obra freudiana se deram em meio a investigações acerca dos caminhos tortuosos pelos quais a realização dos desejos ingressava na trama onírica e na formação dos sintomas neuróticos (Freud, 1900/1996). Vimos que a satisfação libidinal narcísica do desenvolvimento inicial do indivíduo marcará um ponto decisivo de experiência desejosa do sujeito ao qual seus processos inconscientes insistirão em retornar. A *identificação* possibilitará esse regresso alucinatório pela incorporação do traço do objeto abandonado ao *eu*. (Freud, 1923/1996)

Em nossa pesquisa ficou muito evidente, quanto a esse segundo axioma, a importância das atualizações lacanianas sobre as formulações de Freud. A manipulação teórica do traço unário (*einzigster Zug*) permitiu a elaboração de uma teoria do sujeito por parte do psicanalista francês. Tal constatação, há que se destacar, empresta fundamentos a nossa disposição assumida de considerar a teoria psicanalítica aplicável a fenômenos externos ao campo estritamente clínico. O interesse a temas tradicionalmente associados a outros campos do saber, como é o caso dessas especulações ontológicas, tradicionalmente associadas à filosofia, reafirmam a interdisciplinaridade da psicanálise. (Ortiz, 2019)

Rosa (2004) sustenta que a aplicação da psicanálise a fenômenos exteriores ao contexto extraclínico é possível devido à própria natureza de seu objeto de estudo, o inconsciente. Remetendo a conceitos lacanianos, a pesquisadora afirma que “(...) sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende. A escuta busca, na linguagem, a articulação da libido e do simbólico” (p.

342). A metapsicologia do mecanismo da *identificação* incorpora elementos do *imaginário* nessa articulação revelando o que persiste de arcaico, de desfrute narcisístico primário, nas relações de desejo.

Temos, por fim, em nossa pesquisa, as considerações acerca das *identificações* grupais, traçando uma relação entre o conceito e as instâncias do *supereu* e do *ideal do eu*.

A análise da *identificação por contágio* nos fez adentrar de vez no campo político. As formulações tratadas nos dois primeiros tipos (formação do *supereu*, introjeção de objetos abandonados) serviram de base para o estudo do comportamento gregário humano, ou, para ser mais fiel à Freud, ao comportamento de horda. Com isso foi possível pensar os fenômenos psíquicos gerados no contexto grupal a partir da perspectiva libidinal. Assim, o estudo metapsicológico da *identificação por contágio* traça hipóteses concernentes ao laço social das *massas*, enfatizando a idealização do líder nesse processo. Fornece também possibilidades para se pensar as relações grupais em que há uma variação quanto ao afeto dirigido ao líder e sua qualidade. Esse ponto é muito importante pois expande a análise a grupos com configurações diferentes da *massa*. É fundamental também porque fornece base para se pensar os impulsos de agressividade dirigidos a um elemento exterior ao grupo que funcionam de modo a mantê-lo unido, coeso.

Com isso chegamos às considerações acerca do *narcisismo das pequenas diferenças*, da *pulsão de morte* e do *gozo*. Nosso percurso investigativo nos levou, então, ao escoamento da agressividade, aos impulsos destrutivos que a teoria da *identificação* revela. E aqui mais uma vez nos deparamos com a constatação da utilidade da psicanálise como ferramenta de leitura de fenômenos identitários hodiernos. O mal-estar nas relações, sejam elas presenciais ou *online*, evidenciados por constantes ataques entre grupos antagonistas, cujo ambiente virtual facilitou a expressão; a delimitação e reformulação constantes de comunidades identitárias; os comportamentos compulsivos sustentados e estimulados pela

cultura do consumismo: tudo isso se torna passível de análise pela investigação metapsicológica da *identificação*.

Joel Birman (2020) defende que a ideia da *identificação* deve ser valorizada enquanto instrumento de análise dos processos identitários da atualidade justamente pela complexidade analítica que sustenta, por sua categorização múltipla da diferença. Costa (1986), em uma crítica à categoria da identidade sob o viés psicanalítico, destaca a importância da *identificação* na leitura do comportamento social humano da seguinte forma:

Só a força das identificações culturalmente normativas, impostas pelo princípio da realidade e pelos processos secundários, impede o sujeito de derivar para o terreno do imaginário, onde o sentido da identidade é absolutamente subalterno ao princípio do prazer e aos processos primários. (Costa, 1986 p. 85-86)

Ressaltemos, por fim, que nossa pesquisa evidenciou os aspectos na teorização do conceito de *identificação* que o tornam propício à leitura dos fenômenos identitários modernos tomando as expressões dos enunciados humanos como objeto passível de aplicação do saber psicanalítico. O sujeito que nos interessa, o do inconsciente, que é revelado na análise, no trabalho clínico, revela também, seus efeitos, sua falta e desejo constitucionais, em quaisquer situações em que se enuncie. Admitindo que a linguagem é o lócus privilegiado onde se revela e se oculta esse sujeito, e que qualquer relação humana é sempre feita sob o registro da linguagem, que é causa e confluência desse sujeito, temos, então, no discurso humano, dentre as mais variáveis formas e fontes, objeto passível de aplicabilidade do método psicanalítico.

REFERÊNCIAS

- Agamben, Giorgio (2004). *Estado de exceção*. Boitempo.
- Alves, C. B., & Pedroza, R. L. S. (2019). O inconsciente capitalista a partir de Lacan, Marx e Zizek: consequências para o debate sobre identidade de gênero. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 22, 154-163.
- Ambra, P. (2016). A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico. *Revista Periódicus*, 1(5), 101-120.
- APA - Associação Americana de Psiquiatria (2014). *Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais*. Artes Médicas.
- Assis, M. de. O espelho (1970). In: Assis, M. de. *Papéis avulsos*. v15. WM Jackson Editores. (Trabalho original publicado em 1882)
- Badin, R., & Martinho, M. H. (2018). O discurso capitalista e seus gadgets. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, 10(2), 140-154. <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2018v2p.140>
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1999)
- Birman, J. (1993). *Ensaio de teoria psicanalítica, Parte I – Metapsicologia, pulsão, linguagem e inconsciente*. Zahar.
- Birman, J. (1994). *Psicanálise, ciência e cultura*. Zahar.
- Birman, J. (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise*. Editora 34.
- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2021). O furo no Brasil contemporâneo. Cap. 1 In: Birman, J.; Nunes, A. N.; Oliveira, C. *Segregações, violências e subjetivações*. Revan.
- Brousse, M. (2008) A origem e o lugar dos objetos. In Brousse, M. *Arquivos da Biblioteca: Conferências de Marie-Hélène Brousse* (pp. 13-29). Escola Brasileira de Psicanálise.

- Butler, J. (1990). *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Routledge.
- Costa, J. F. (1986) *Violência e psicanálise*. Graal. (Trabalho original publicado em 1984)
- Crimes cibernéticos: crimes de ódio aumentaram quase 30%, mas pornografia ainda lidera no Brasil. *Convergência Digital*, 13 out. 2017. Recuperado a partir de <https://www.convergenciadigital.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=site&UserActiveTemplate=mobile&infoid=50075&sid=18>
- Cunha, E. L. (2007). Uma leitura freudiana da categoria de identidade em Anthony Giddens. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 10(2), 171–186. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982007000200002>
- da Costa Neves, B. R., & Vorcaro, Â. M. R. (2011). Breve discussão sobre o traço unário e o objeto a na constituição subjetiva. *Psicologia em Revista*, 17(2), 278-290.
- D'Almeida, F. (1971). *Contos*. Clássica. (Trabalho original publicado em 1881)
- Darriba, V. A., Brunhari, M. V., & Pereira, L. B. L. (2021). O estatuto do significante mestre na segregação: causa e efeito do discurso. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, 13 (SPE), 23-33. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2021vNSPEAp.23>
- Descartes, R. (1996). *Discurso do Método, objeções e respostas, as paixões da alma, meditações, objeções e respostas*. Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1637)
- De Saussure, F. (2008). *Curso de linguística geral*. Editora Cultrix. (Trabalho original publicado em 1916)
- Diotallevi, L. (2019). *Il paradosso di papa Francesco: la secolarizzazione tra boom religioso e crisi del Cristianesimo*. Rubbettino.
- Dor, J. (1991). *Estruturas e clínica psicanalítica*. Livrarias Taurus-Timbre Editores.
- do Santos Pedrossian, D. R. (2008). O mecanismo da identificação: uma análise a partir da teoria freudiana e da teoria crítica da sociedade. *Revista Inter Ação*, 33(2), 417-442. <https://doi.org/10.5216/ia.v33i2.5275>

- Dunker, C. I. L. (2003). A identificação na formação e sustentação de sintomas na família. *Temas psicol*, 145-154. Recuperado em 16 de novembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2001000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Dunker, C. I. L. (2003). A importância da topologia na clínica da histeria. O problema da identificação. *Acheronta–Revista de Psicoanálisis y Cultura*, (18). Recuperado de <https://www.acheronta.org/acheronta18/dunker.htm>
- Dunker, C. I. L. (2016). Políticas de identidade e a busca de um novo modelo de crítica. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Recuperado de <http://www.revistaforum.com.br/2016/02/17/christian-dunker-politicas-de-identidade-e-a-busca-de-um-novo-modelo-de-critica/>
- Dunker, C. I. L. (2019). Teoria do Luto em Psicanálise. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, [S.l.], 8 (2), p. 28-42, dez. 2019. ISSN 2447-1798. Disponível em: <<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/226>>. Acesso em: 16 nov. 2023.
- Enriquez, E.. (2005). Psicanálise e ciências sociais. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 8(2), 153–174. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982005000200001>
- FBI: Crimes de ódio nos EUA crescem e atingem principalmente negros e judeus. *UOL Notícias*, 13 nov. 2018. Recuperado a partir de <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2018/11/13/fbi-crimes-de-odio-nos-eua-crescem-e-atingem-principalmente-negros-e-judeus.htm>
- Florence, J. (2021). *Identification in psychoanalysis: a comprehensive introduction*. Routledge. (Trabalho original publicado em 1978)
- Freud, S. (1996). *Projeto para uma Psicologia Científica*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. I. Imago. (Trabalho original publicado em 1895)

- Freud, S. (1996). *Estudos sobre a histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. II. Imago. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Freud, S. (1996). *A interpretação dos sonhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. IV. Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VI. Imago. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (1996). *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Imago. (Trabalho original publicado em 1905 [1901])
- Freud, S. (1996). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996). *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, vol. XI. Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, vol XII. Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1996). *Totem e tabu*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Imago. (Trabalho original publicado em 1913[1912-1913])
- Freud, S. (1996). *A história do movimento psicanalítico*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Imago (Trabalho original publicado em 1914a)
- Freud, S. (1996). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Imago (Trabalho original publicado em 1914b)
- Freud, S. (1996). *O inconsciente*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. vol. XIV. Imago. (Trabalho original publicado em 1915a)
- Freud, S. (1996). *O instinto e suas vicissitudes*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. vol. XIV. Imago. (Trabalho original publicado em 1915b)

- Freud, S. (1996). *Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. vol. XIV. Imago. (Trabalho original publicado em 1915c)
- Freud, S. (1996). *Luto e melancolia*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. vol. XIV. Imago. (Trabalho original publicado em 1917 [1915])
- Freud, Sigmund (1996). *Conferências introdutórias sobre Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XV. Imago. (Trabalho original publicado em 1916-1916[1915-1917])
- Freud, S. (1996). *História de uma neurose infantil*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Imago. (Trabalho original publicado em 1918[1914])
- Freud, S. (1996). *Além do princípio de prazer*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Imago. (Trabalho original publicado em 1920a)
- Freud, S. (1996). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Imago. (Trabalho original publicado em 1920b)
- Freud, S. (1996). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII, Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1996). *O Ego e o Id*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996) *A dissolução do complexo de Édipo*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1996). *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1996). *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929])

- Freud, S. (1996). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932]a)
- Freud, S. (1996). “*Por que a guerra?*”. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932]b)
- Freud, S. (1996). *Moisés e o monoteísmo: três ensaios*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Imago. (Trabalho original publicado em 1939[1934-1938])
- Freud, S. (1996). *Esboço de psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938])
- Freud, S. (1996). *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. I. Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1892-1899])
- Habermas, J. (1983). *Para a reconstrução do materialismo histórico*. Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1976)
- Habermas, J. (1987). *Conhecimento e interesse*. Guanabara. (Trabalho original publicado em 1968)
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A.
- Heráclito (2012). *Fragmentos*. Odisseus
- Jacoby, Russel. (1977). *Amnésia social: uma crítica à Psicologia conformista de Adler a Laing*. Zahar.
- Japiassu, H., & Marcondes, D. (2007). *Dicionário básico de filosofia* (5ª ed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1971)
- Johnson, A. G. (1997). *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Zahar.
- Jorge, M. A. C. (2008). *Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan - vol. 1: As bases conceituais*. Zahar. (Trabalho original publicado em 2000)

Kaszubowski, E.; Aguiar, F. (2015). O registro imaginário nos antecedentes lacanianos. *Agora*; 18

(1): 85-100. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982015000100007>

Kluge, F. (2002). *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. De Gruyter.

Laclau, E. (2013). *A razão populista*. Três Estrelas. (Trabalho original publicado em 2003)

Lacan, J. (1979). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (2. Ed). Zahar. (Seminário proferido em 1953-1954)

Lacan, J. (1985a). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Zahar. (Seminário proferido em 1955-1956).

Lacan, J. (1985b). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Zahar. (Seminário proferido em 1972-1973).

Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Zahar. (Seminário proferido em 1956-1957)

Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Zahar. (Seminário proferido em 1957-1958)

Lacan, J. (1998). *Escritos*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)

Lacan, Jacques (2000). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Zahar. (Seminário proferido em 1954-1955)

Lacan, J. (2003). *O seminário, livro 9: a identificação*. Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Seminário proferido em 1961-62).

Lacan, J. (2008a). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Zahar. (Seminário proferido em 1959-1960)

Lacan, J. (2008b). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Zahar. (Seminário proferido em 1971)

Lacan, J. (2015). *Do discurso psicanalítico (Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972) – parte 2*. Trilhar: caminhos em Psicanálise.

Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Zahar. (Seminário proferido em 1958-1959).

- Lebrun, J. P. (2004). *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Companhia de Freud.
- Lima, V. M., Bedê, H. M., & Rocha, G. M. (2023). Butler e a psicanálise: do fracasso das normas à estranheza do gozo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, e248976.
- Lustoza, R. Z.. (2009). O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 12(1), 41–52.
<https://doi.org/10.1590/S1516-14982009000100003>
- Lustoza, R. Z. & Calazans, R. (2010). Alcance e valor do Nome-do-pai atualmente: algumas considerações. *Psicologia em Estudo*, 15, 557-565.
- Martinez, C. (2021). Identidade, identificação e segregação: linchamentos virtuais e a Cultura do Cancelamento. *Leitura Flutuante-Clínica da Cultura e Elementos de Conexões entre Semiótica e Psicanálise*, 13(2), 77-94. <https://doi.org/10.23925/lf.v13i2.56340>
- Mezan, R. (2007). *Que tipo de ciência é, afinal, a psicanálise?*. *Natureza humana*, 9(2), 319-359.
- Miller, J. A. (2009). *Clinica y superyo*. In Conferencias porteñas: tomo 1: desde Lacan (pp. 125-171). (Conferência ministrada em 1981-1984)
- Moreira, J. de O. (2009). Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(1). Recuperado em 16 de novembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000100018&lng=pt&tlng=pt.
- Mouffe, C. (2020). *Por um populismo de esquerda*. Autonomia Literária.
- Ortiz, M. E. R. (2019). El psicoanálisis es interdisciplinario. *Psicologia em Revista*, 25(1), 303-310.
<https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p303-310>
- Orwell, G. (2009). *1984*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1949)

- Pena, B. F., Moreira, J. O., & Guerra, A. M. C. (2020). O supereu em Freud e Lacan: da moralidade à amoralidade, uma gula estrutural. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund*, 23(1), 37-56.
<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n1p37>.
- Pereira, C. E., & Ferrari, I. F. (2016). A Identificação e os Processos de Segregação na Contemporaneidade. *Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio*, (28), 205-210.
<https://doi.org/10.5752/P2358-3231.2016n28p205>
- Pereira, L. F. L., da Silva, T. M., do Couto, D. P., & Silva, M. L. (2019). Consumir e consumir-se: gozo e capitalismo na contemporaneidade. *Revista Subjetividades*, 19(3).
<https://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i3.e7400>
- Perez, D. O. (2016). A identificação, o sujeito e a realidade. Uma abordagem entre a filosofia kantiana e a psicanálise freudiano-lacaniana. *Sofia*, 5(1). <https://doi.org/10.47456/sofia.v5i1.13965>
- Platão (1980). *Sofista*. Editora Universidade Federal do Pará.
- Prado, A. (2914). *A faca no peito*. Editora Record. (Trabalho original publicado em 1988)
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Subjetividades*, 4(2), 329-348.
- Rosa, M. D., Estêvão, I. R., & Braga, A. P. M. (2017). Clínica psicanalítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política. *Psicologia em estudo*, 22(3), 359-369.
<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i3.35354>
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1997)
- Roudinesco, E. (1972/2022). *A ação de uma metáfora: observações sobre a teoria do significante em jacques lacan*. Recuperado em 16 de novembro de 2023, de <https://www2.iel.unicamp.br/psipolis/2022/03/14/a-acao-de-uma-metaphora-observacoes-sobre-a-teoria-do-significante-em-jacques-lacan/>

- Saavedra, M. de C. (2005). *O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha*. Editora Record. (Trabalho original publicado em 1605)
- Starnino, A. (2016). Sobre identidade e identificação em Psicanálise: um estudo a partir do Seminário IX de Jaques Lacan. *DoisPontos*, 13(3). <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v13i3.46901>
- Soloway, J., & Sperling, A. (Produtores Executivos). (2014-2018). *Transparent* [TV Series]. Amazon Studios.
- Tavares, P. H. (2011). *Versões de Freud: Breve panorama crítico das traduções de sua obra*. 7 Letras.
- Youtube. (2011, January 7). *Robbie Williams – rock dj* [video]. Youtube.
<https://www.youtube.com/watch?v=BnO3nijfYmU>
- Youtube. (2020, June 28). *Maria Rita – Provoca* [video]. Youtube.
<https://www.youtube.com/watch?v=6EwNS7pb5wI>
- Žižek, S. (2010). *Como ler Lacan*. Zahar.
- Zimerman, D. E. (2009). *Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão*. Artmed Editora.